

A Descoberta do **ESPÍRITO**

Krishnamurti de Carvalho Dias

A Descoberta do ESPÍRITO

Krishnamurti de Carvalho Dias

VITÓRIA - ES

OUTUBRO - 2000

REVISÃO

Krishnamurti de Carvalho Dias

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Gráfica Ita

CAPA

Cristiana de Souza

IMPRESSÃO

Gráfica Ita

EDIÇÃO DIGITAL

PENSE – Pensamento Social Espírita

www.viasantos.com/pense

Abril de 2010.

1ª Edição - 2.000 exemplares.

© Krishnamurti de Carvalho Dias, 2000.

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei 5.988.

A renda desta obra será revertida em benefício do Projeto Impacto, de responsabilidade pessoal do autor.



PROJETO IMPACTO

A meus pais
Octávio e Abigail,
com amor

O espiritismo é uma ciência fundada no século passado, mais exatamente no ano de 1857, por um pedagogo francês, residente em Paris, o professor Rivail (Hipólito Leão Denizard Rivail 1804/1869), o qual era um educador do maior prestígio na sociedade parisiense, também um autor didático muito publicado.

O próprio nome de “espiritismo”, que significa literalmente “ciência do espírito”, também é criação do professor Rivail, que justificou o então neologismo pela necessidade de se dar nomes novos a fatos novos, para “maior clareza da linguagem e também se evitar a anfibologia”, que é a multiplicidade de significados para uma mesma palavra.

A palavra “espiritismo” traz embutida em si a própria finalidade da disciplina criada, que é o estudo, a pesquisa, o conhecimento a nível científico, de um objeto determinado, o “espírito”, nome principalmente da parte não física, não material, mas apenas psíquica das pessoas, ao conjunto de faculdades intelectuais e morais dos indivíduos. Essa era a acepção dominante, o significado principal da palavra, que tinha ainda outras aplicações.

Quando o professor Rivail forma aquele neologismo, então revela sua intenção de fazer da nova matéria científica um instrumento de estudo voltado para esse objeto, o espírito, a mente, a psique, aquela parte invisível de nós que se tipifica pela reunião de conceitos como o carácter, o pensamento, a razão, a emoção, os sentimentos, as faculdades e sentidos, a memória, o juízo, a consciência, a personalidade, a individualidade e a identidade, a inteligência. E que se opõe conceitualmente à outra parte, que é o corpo.

Quem diz “espírito” está-se referindo ao mesmo que “mente”, a esse agregado ideal de conceitos que representa a essência do homem, que é a parte efetiva do ser. No mesmo ato, está abstraindo, excluindo a contra parte corporal, a parte somática, que é mero acessório do espírito ou mente, é o corpo perecível, o organismo fisiológico.

Estava delineado o campo operatório da nova ciência, indicado o seu objeto formal e sua razão de passar a existir. Propor a criação de uma nova ciência para estudar o espírito era reconhecer e proclamar a existência deste objeto, além do mais, pelo fato de o espírito

to, sob o nome de mente ou psique, já ser também alvo de uma outra ciência, a psicologia, isso era sinal de que o professor Hipólito pretendia fazer dele uma nova abordagem, repensá-lo de modo diferente da outra disciplina já existente.

De fato, a psicologia enfocava o espírito ou mente sob um prisma muito rígido, assumindo que era um mero conceito sem nenhuma consistência própria, isto é, não consistia em nada senão em simplesmente um modo de se apreciar outra coisa, a saber, o próprio organismo fisiológico em uma de suas funções.

Em outras palavras, para psicologia, a mente ou espírito não existia por si mesmo, não tinha existência ou consistência própria, reduzindo-se apenas a um modo de se ver o funcionamento corporal num de seus aspectos, o psíquico.

Essa a diferença entre a psicologia, uma ciência já tradicional, e o espiritismo, era o próprio conceito que cada uma das duas disciplinas fazia sobre o espírito.

Para a psicologia, já que o espírito nada era por si e só existia como um conceito formado sobre outra coisa, então ao se extinguir esta coisa, (o corpo fisiológico), já desaparecia com ele a função nomeada por aquela palavra: o espírito morria com o corpo.

Assim o espírito era um mero componente de certo agregado chamado “vida”, que desaparecia quando o estado de vida era perdido e se desativavam as funções que justamente o formavam.

Em abono desse seu ponto de vista, a psicologia lembrava a cessação completa, absoluta, de quaisquer manifestações psíquicas pós-morte. Quer dizer, em vida, o espírito se manifestava, mas pós-óbito não, o que parecia fundamentar a posição dessa ciência.

Já a ciência espírita entendia que é temerário fechar a questão assim, pois havia uma porção de outras realidades que não tinham sido anteriormente percebidas em suas manifestações, em sua existência, e que um belo dia se patentearam, a partir do momento em que as pessoas puderam captá-las.

Como boa prova disso estavam os micróbios e os novos corpos celestes, que existem como parte da rea-

lidade natural, dotados da maior materialidade e todavia tinham ficado invisíveis, desconhecidos, o tempo todo, até serem descobertos pela ciência algumas décadas atrás, apenas, da criação do espiritismo, passando a fazer parte inarredável do conhecimento científico, desde então.

Podia muito bem acontecer o mesmo com o espírito, que após a morte corporal podia entrar em uma fase de “silêncio”, uma espécie de eclipsamento, não ser detectado justamente por falta de meios de acessá-lo nessa nova condição. Quer dizer, continuava existindo só que sem recursos de ser percebido, tal como antes os micróbios. Era um argumento de peso.

O espiritismo se baseava em uma série de ocorrências, de acontecimentos materiais, que vinham-se registrando havia uma década, desde então, em escala mundial, os quais obviamente continham espírito, tinham conteúdos intelectuais, pois pareciam refletir o caráter, a inteligência, a psicologia humana, vale dizer, o espírito.

Tratava-se de coisas então chamadas de “mesas girantes”, “mesas dançantes” mais tarde “mesas falantes” ou “escreventes” ou ainda de “raps” e “echoes”, “knockings” (hoje são chamadas genericamente de poltergeist).

Em toda parte, mesas e outros objetos também, podiam-se mover por si mesmos, sem nenhuma impulsão visível de ninguém assim como ruídos, barulhos, efeitos, eram produzidos, igualmente sem explicação.

Pelo simples acontecimento em si, pareciam efeitos naturais, produzidos por forças naturais, foi assim que a comunidade científica de então quis explicá-los, entendido aí como “naturais” no sentido de “ciências naturais”, professadas por “naturalistas”, que era então como se chamavam as hoje denominadas ciências físicas, químicas, biológicas, da natureza.

As ciências naturais estudam a natureza e seus agentes, suas forças e era em tal sentido que se procurava explicar os fenômenos (hoje chamados de paranormais) para afastar a hipótese religiosa e as superstições, de que fossem sobrenaturais, atribuídos à ação de coisas extranaturais, como duendes, gnomos, anjos,

demônios, milagres, prodígios, enfim, entidades fora da natureza comum e portanto fictícias.

Pretendeu-se que forças naturais como o magnetismo, a eletricidade (que na época eram pensados separadamente), o calor e a gravitação, pudessem ser as causas dos movimentos e dos sons inusitados.

Mas o professor Rivail, após contatar e estudar muito os fatos, entendeu que as forças chamadas de “naturais” eram de ação cega, desprovidas de intenção, caráter, individualidade, vontade, percebendo-se que já naquele tempo o professor fazia uma distinção então ainda inusitada, entre o que são coisas “naturais” e coisas “culturais”, as primeiras sendo as fáticas existentes na natureza, portanto naturalmente mas independentes do homem e as segundas as culturais, já como fruto da ação do homem, fruto da cultura humana.

Os efeitos em tela, elementos culturais, eram de conteúdo cultural, traduziam a ação da inteligência humana, que era justamente uma das acepções de espírito, um sinônimo deste.

Não se podia licitamente atribuir só a forças naturais, simplesmente, os fenômenos que tinham claríssima associação com o espírito, esse agregado de conceitos tipicamente psíquicos, culturais, humanos.

O professor Rivail produziu uma conceituação muito interessante: “não há efeito sem causa e se os efeitos traduzem inteligência, então a causa deles há de ser, necessariamente, inteligente”.

Porque os fenômenos estudados mostravam irrecusáveis conteúdos de inteligência e cultura, que são atributos humanos, então não se podia concluir outra coisa, senão esta: os agentes que os produziam eram humanos, eram seres humanos, revelavam sê-lo pelo fato de possuírem espírito. Os conteúdos intelectuais e artísticos, morais, dos fenômenos, tornavam irrecusável o raciocínio de Rivail. Em que consistiriam esses “conteúdos de espírito” presentes nos fatos? Muito simples, as mesas moviam-se de modo acertado, sem risco para ninguém, sem atingir os espectadores nos seus deslocamentos (garantindo a segurança e proteção deles) e justamente com esses movimentos, significavam respostas a perguntas, até puramente mentais, dando in-

formações só sabidas por alguém determinado na platéia e que eram simples respostas certas.

Por uma espécie de código de movimentos ou barulhos, pancadas e raspagens, as respostas eram telegrafadas, mais ou menos como no então recém-inventado, telégrafo elétrico, como no código morse.

Ora, como ninguém poderia pensar que o martetele do telégrafo, ao bater pontos e traços, fosse inteligente por si mesmo, mas sim que estava sendo acionado por um operador invisível, que esse sim, detinha inteligência, também as mesas e outros objetos, bem como os ruídos codificados, não podiam ser pensados como inteligentes por si mesmos mas sim que estavam sendo produzidos por agentes humanos invisíveis, dotados de inteligência e cultura semelhante à dos pesquisadores, pelo menos usavam a mesma gama de signos, o alfabeto, os diversos idiomas nacionais também. E de resto a globalidade da própria cultura terrestre.

Aí começa a guerrinha de nomes e conceitos. Os pesquisadores não espíritas, haviam pensado em “forças naturais” para guerrearem a explicação dos religiosos quanto a “forças sobrenaturais”, mas ao dizerem aquilo, uns e outros excluía o elemento humano, que é natural também, naturalíssimo, não tem nenhuma sobrenaturalidade.

Já Rivail, ao recusar a simplória rotulação de “forças naturais”, isso foi só para afastar o enquadramento como meios efeitos de forças cegas da natureza, dado o evidentíssimo conteúdo intelectual e moral dos fenômenos, pois o que ele pretendia era também repudiar o rótulo de “forças sobrenaturais”, fixando-se na visão realista de que só podiam ser agentes humanos, pessoas humanas, os autores dos fenômenos, portanto agentes culturais antropológicos, naturalíssimos.

O que introduzia a prova da sobrevivência do espírito à destruição do corpo, portanto a prova também de sua independência e autonomia, sua soberania, o seu primado.

O espírito era no homem uma coisa em si, existente e consistente por si mesmo, diferente e separado do seu corpo, assim como o homem é diferente e separado da roupa, esta não faz parte integrante do homem. Pois do mesmo modo, o corpo era só a vestimenta da

mente e do espírito, não se confundia com este, eram duas coisas bem separadas.

Quando o corpo perecia, o espírito sobrevivia a ele tinham ambos durações diferentes; a do corpo era finita, determinada, começava na concepção e acabava no óbito, seguindo-se a desagregação; ao passo que a duração do espírito era indeterminada, não tinha fim, pelo menos não aquele que lhe atribuíam, o óbito corporal, pois que, cada indivíduo psíquico, cada mente, continuava existindo postumamente, sem desagregar-se.

Isso justificava a criação por Rivail de uma segunda disciplina científica para abordar e estudar o espírito, pois que o fazia de modo diferente e separado da ciência já existente, tratando o mesmo objeto com outro enfoque, outro conceito, como uma realidade independente do corpo.

Se o espírito ou mente fosse, lisamente, uma mera função do organismo, deveria acabar-se com este, tal como pensava a psicologia.

Mas se eram surpreendidos, comprovados sinais de inteligência, vontade, sensibilidade, manifestação de caráter e cultura, sem corpo, sem organismo fisiológico que os produzisse (os SVP, os “Sinais Vitais Póstumos”) então teríamos a função sem órgão, isolada, produzindo-se de modo puro, inexplicado pela psicologia.

Valendo-se do significado dominante que a palavra tinha na cultura francesa, o professor Rivail fechou que os conteúdos intelectuais e morais presentes nos fenômenos (justamente chamados de “psiquismo” na língua inglesa) procediam do espírito, eram produtos do espírito, logo, de seres humanos, o que repunha seus autores e agentes como agentes naturais, sendo não sobrenaturais, mas também como culturais, não meras forças materiais cegas da natureza, não as chamadas “coisas fáticas”.

Até aí o que se tinha era meramente a prova de que o espírito humano podia-se dissociar do corpo, do organismo e, extrapolando os limites corporais vir manifestar-se isoladamente, era isso apenas que os conteúdos intelectuais dos fenômenos permitiam asseverar.

Uma repescagem desses fatos, um reexame mais aprofundado deles, abriu para uma nova frente do com-

compreensão: as inteligências humanas que assim se manifestavam podiam ser definidas como? Exatamente o quê? Eram pessoas vivas, ainda ligadas a corpos fisiológicos, que momentaneamente os deixavam para irem-se patentear extra-corporalmente? Ou seriam pessoas já mortas, totalmente descorporalizadas que atuavam numa fase póstuma, levando uma existência pós-óbito, uma sobrevida?

Na primeira hipótese, o que se tinha comprovado era o não confinamento da mente no corpo e que esta podia-se liberar, em certas condições, para agir independente.

Mas na segunda hipótese, a comprovação passava a ser de que os indivíduos humanos podiam conservar suas mentes ou espíritos perfeitamente vivos, lúcidos, atuantes, portanto também sua identidade e individualidade, sua personalidade e cultura, após a morte a desagregação do corpo. Numa palavra: a morte não existia para o espírito, só para o corpo, para a mente havia só vida, uma duração não finita, de prazo indeterminado, para existir, ora ligada a um corpo, animando-o, ora descorporalizada, independente.

A massa de indícios abundantes era de que as duas hipóteses eram possíveis e verdadeiras: tanto havia casos de mentes ainda ligadas a corpos comunicando-se, ainda em vida desses corpos, como também havia espíritos já descorporalizados definitivamente, em regime de vida pós-óbito, vida póstuma, fazendo o mesmo.

E acima de tudo era a certeza de que o espírito existia por si, tinha consistência, perenidade próprias e prosseguia incólume, fosse como fosse, corporalizado ou não, como sujeito e titular da vida.

Foi pelo paciente esmiuçar dos fatos, um fastidioso esmerilhamento de cada um deles, caso a caso, que o professor Rivail chegou às conclusões que compuseram a ciência espírita.

Sem nunca assumir ou expender teorias a priori, mas só a posteriori da prova dos fatos, ele produziu uma sistematização que fugia às crenças e opiniões reinantes.

Em primeiro lugar, a psicologia restou atingida, naquilo que era sua afirmação fundamental, de que a

chamada mente, o chamado espírito não existia por si só, como coisa independente, mas sim só como mera função do agregado corporal, assim dogmatizava a psicologia arbitrariamente.

Em segundo lugar, a biologia foi alvejada, quando fixava a concepção e o óbito como balizas da vida, limites do estado de vida e do ser, fora do qual era o não ser, a não vida.

A ciência espírita, contradizendo suas duas colegas, repunha que não só o espírito ou mente tinha existência própria e portanto independe do corpo para existir e atuar, como também sua duração não é finita como a do corpo mas, é sim, contínua, perene, podendo existir tanto dentro do chamado “estado de vida” como depois dele, fora dele.

Vida então ficou sendo algo diferente do entendido pelas ciências e que podia extrapolar os limites admitidos para continuar fora destes, ainda sendo chamada legitimamente de vida.

Podia-se existir em vida, estando-se vivo, tanto numa fase (o percurso compreendido entre os limites concepção e óbito) como noutra fase, sequente àquela, em que se continuava vivo também, só que de modo diferente, extra corporalmente.

Noutras palavras, o que se chamava de morte não passava de uma cessação da existência útil do agregado corporal, apenas, com a liberação do espírito ou mente a ele ligado, que continuava a viver noutro regime, noutro estado.

Em suma, não havia morte para o espírito, só para o corpo, em lugar de ser um dado absoluto, a morte era só um fato relativo, de alcance parcial, não total.

O que se chamava de morte ficou recarimbado como uma mera continuação de vida em outro meio e por outros meios, isso para a mente ou espírito, exclusivamente.

A palavra “vida” ficou sendo o termo comum a duas rotulagens como um nome só dado a ambas as fases do existir geral da mente, nos dois estados em que esta pode existir.

Se se diz vida só, puramente, então é o nome que se dá a uma dessas fases, a de posse de corporalida-

de, mas já a fase contrária, a de extracorporalidade, poderá chamar-se de “contravida”, para marcar bem que são duas etapas distintas e complementares uma da outra, são dois conceitos diferenciados como etapas de um processo só.

O processo geral de existência da mente ou espírito pode chamar-se de hipervida, uma “vida maior” pois que se subdivide em vida e contravida, como duas etapas do processo.

Isso compõe um modelo dotado de “redondeza”, ao longo do qual o ser se move, ocupando sucessivas posições em cada uma das duas etapas: diz-se que está vivo, em vida, quando se demora no percurso compreendido entre os dois limites, a concepção e o óbito. Se extrapola esses limites, então projeta-se na contravida onde continua pós-vivente ou sobrevivente, permanece existindo tal qual era, só que agora muito mais liberado e mais dono de si mesmo, de posse de maior estado de liberdade para suas faculdades.

Rivail, na nomenclatura que produziu, não chamou assim, em momento algum, mas por outros nomes: dizia que o espírito está ou encarnado ou então desencarnado, conforme esteja ou não ligado a um corpo e que havia a vida terrena, corporal contrastando com o que chamou de “vida espírita”, a que a mente desencarnada passa a ter quando sai do corpo após o óbito deste. E que ora estou chamando de contravida.

Sempre revelando o maior desapego por sistemas, embora fosse um pesquisador metódico e organizado, o professor Rivail liberou seus discípulos para a qualquer tempo produzirem denominações novas, reverem conceitos e formulações, sob a condição de que todo esse agiornamento¹ fosse feito sob o patrulhamento da ciência, com a ciência e não sem ela,

O espiritismo é uma ciência e como tal movimentase com suas co-irmãs, absorvendo seus avanços e de modo algum resistindo a seus progressos. Rivail chegou a dizer que “se a ciência o corrigir ou desautorizar num só ponto, o espiritismo aí se modificará, absorvendo a ratificação”. Fugindo à obsoletização.

¹ Aggiornamento é uma expressão italiana utilizada durante o Concílio Vaticano II pelo papa João XXIII para se referir à atualização dos princípios católicos ao mundo contemporâneo.

Por tudo isso tomei a liberdade de produzir este modelo didático, novo, a três dimensões, de uma hipervida que é apenas o entendimento de que o espírito existe continuamente, num existir sem-fim, independente do meio em que está, se aqui ou alhures, do ponto de vista tópico, do lugar do espaço-tempo em que permanece, bem como independente também da fase dessa hipervida em que se encontra, se a de vida ou a de contravida.

Após ter nascido, (encarnação), a mente encontra-se na fase de vida, onde permanecerá até obituar-se, quando então se exclui dessa fase e passa à outra, a de contravida, pela desencarnação. Continua nessa fase até ela também esgotar-se e entra no recomeço do ciclo, em movimento recorrente, de reingresso na vida.

O processo tem toda circularidade, toda rotatividade, vive-se e depois contravive-se para em seguida voltar a viver, repetitivamente.

É algo parecido com outro modelo dotado de redondeza e repetitividade, a sucessão dos dias e noites, terráqueas, fases de 12 horas cada, de um processo que tem ciclos de 24 horas chamados de “dias” também, que são os giros do planeta em torno do seu eixo.

Sai-se do dia e entra-se na noite, onde se permanece até que sobrevêm o dia outra vez e assim por diante.

O modelo da hipervida, repartida em fases de vida e contravida, nos ciclos de reencarnação, pode ser até expressado com signos pseudomatemáticos, assim nesta fórmula, $h = vc$, onde hipervida é o produto constante de vida e contravida, quer dizer, o espírito, como sujeito e titular da hipervida, está sempre vivendo, seja numa outra das duas condições, sem descontinuidade de sua existência em si.

Temos assim o professor Rivail como autor da mais portentosa das equações, capaz de eclipsar até mesmo aquela até aqui tida como a mais brilhante já produzida pela ciência, a de Einstein ($E = mc^2$) pois ao passo que esta apenas unificou a massa-energia, aquela, a fórmula rivailiana, fez a unificação da vida e da contravida, na ideia da hipervida, a maior relativização de que já se foi capaz.

Por direito autoral incontestável, pertence ao professor Rivail, não a ninguém mais, a honra original des-

sa formulação e a posteridade ainda reconhecerá, fatalmente, o mérito dele, consagrando-o ao lado de Newton, Arquimedes, Maxwell, Planck e Einstein, como um formulador, autor de uma fórmula cultural que define um processo natural, a reencarnação, como autor genial da teoria da hipervida.

A genialidade de Rivail não se esgota aí, nisso de ter produzido essas formulações, dentro do monumento geral que nos legou, a ciência e filosofia espíritas.

Se por um lado ele atingiu de saída a psicologia e a biologia, contraditando-as, fazendo do espiritismo o contraditório delas, já por outro lado ele afetou também a sociologia e a física, como iremos ver.

Prosseguindo nas suas pesquisas informáticas, isto é, processando de modo informático possível em sua época, a massa crítica de dados que possuía, colhidos nos fenômenos, Rivail firmou que as personalidades defuntas, ou seja, as pessoas obituadas, constantemente comprovavam serem mesmo quem diziam ter sido, com robustíssimas provas de identidade.

Não bastava dizerem “sou fulano”, precisavam constantemente materializar em provas essa alegação. Precisava que ostentassem os traços psicológicos e culturais, o caráter, a personalidade, o estilo, à linguagem, os maneirismos formais de quem diziam que eram, que tinham de estar presentes, de modo inconfundível, nas suas mensagens, para alcançarem a identificação.

É bom lembrar que nessa fase primitiva, as mesas apenas traduziam, por movimentos e pancadas delas contra o chão (isso além dos ruídos e estalidos, os sons de raspadinhas etc. fora das mesas) os comunicados dos agentes humanos descorporalizados. Só se tinha isso, movimentos e batidas.

É rigorosamente, já o próprio Rivail a toda hora assim comparava, como o funcionamento do telégrafo elétrico e do código morse. Neste, o martelele batia numa fita, produzindo só pontos e traços, nada mais, um conjunto de signos que só adquiriam entendimento, valor, para quem conhecesse o código morse, o sentido desse ciframento, numa decodificação.

Só se via o martelele tiquetaqueando dentro da campânula de vidro que o recobria e a fita de papel

escorrendo sob ele, sair coberta de pontos e traços, só isso.

Quem visse esse quadro e não soubesse do que se tratava, ficaria a princípio curioso, interessado e depois acharia enfadonho e buscaria entreter-se com outra coisa.

Mas quem soubesse das coisas, entenderia que o martetele era acionado por um operador humano e pela eletricidade e o magnetismo, de um ponto distante, um outro ponto no espaço diferente e bem longínquo dali, sendo o impulso transmitido por fios sustentados por postes, com a velocidade da luz ou quase.

Havendo entendido esse começo, o passo seguinte seria aprender o código morse, a linguagem cifrada e, aí sim, a mensagem passaria a ter compreensão, significação.

Entenderia que eram ideias, valores, dados, informações, passados em termos culturais já conhecidos, as palavras de um idioma, parte de uma cultura, que tinha de ser comum aos dois parceiros do ato, o operador invisível e distante e o receptor.

Rivail chamou a esta segunda forma de comunicação por movimentos, percussões e ruídos não localizados, por dois tipos de nomes: os movimentos significativos de mesas e objetos eram a sematografia e sematologia; os ruídos eram a tiptologia ou tiptofonia, também a tiptografia.

Rivail é, seguramente, o autor original da teoria da comunicação bem como de boa parte da teoria da informação, posto que seu mérito nisso não tenha ainda sido reconhecido, pois criou signos e conceitos no terreno que hoje os usuários das duas teorias só fazem é repetir, copiar, servilmente, ignorando a primazia histórica do grande pedagogo.

O princípio de que para haver comunicação tem de existir perfeita comunidade ou nivelamento de cultura entre os dois parceiros, se não eles se desentendem (é o caso de um brasileiro tentando comunicar-se com um chinês, cada qual em seu idioma), foi nitidamente enunciado por Rivail, quando estabeleceu que se inteligências que movem as mesas respondiam a perguntas é porque as entendiam e se por nos-

sa vez, acatávamos as respostas delas como válidas, coerentes, certas, é porque uns e outros, os que perguntavam e os que respondiam, estavam manejando o mesmo idioma, os mesmos signos, a mesma cultura, o mesmo nível mental, eram todos homo-sapiens sapiens.

Havia casos, porém, de perguntas não proferidas, não vocalizadas, apenas pensadas e ainda assim respondidas; bem como havia as que eram ditas ou mesmo pensadas em língua estrangeira, não sabida por aqueles que estavam presentes, igualmente respondidas nessa mesma língua, tendo-se dado casos de uso até de línguas mortas, até das extintas, bem como de meros dialetos tribais.

Lembrem-se de que não havia aí nenhuma oralição, nenhuma vocalização nem mesmo propriamente escrita, tudo se passava a nível de sinalização, ciframento: as mesas faziam movimentos convencionados, quando não batiam seriadamente com os pés no chão ou então pancadas se produziam no ar, na fibra dos móveis, no chão e nas paredes, tudo com significados.

Eram apenas signos não gráficos, sem nenhum grafismo ou imagem visual, os signos eram puramente despojados de formalização dos fenômenos.

Foi uma fase muito típica em que os conteúdos intelectuais culturais se apresentavam de modo puro, isento de quaisquer contaminações: como se fosse uma turma de salvamento e resgate de submarinos, de mergulhadores, do lado de fora de um submersível afundado, batendo com martelos no casco da nave para serem entendidos e corresponderem-se com os ocupantes.

Lá de dentro, sem rádio os naufragados só podiam ouvir as pancadas, ou então silêncios, pausas, no casco, portanto uma linguagem digital, a princípio binária simples, de ruído e não-ruído, como tudo que podiam contar como elementos de significação.

O uso desses signos era analógico, também, já no caso dos salões parisienses, pois além de sons e pancadas com os pés das mesas no chão, havia ainda os movimentos harmoniosos delas, deslocando-se de um ponto para outro ou flutuando graciosamente no ar.

E como se as pessoas estivessem dentro de um endospaço, um espaço interior qualquer, tal como o do submarino afundado, enquanto que os seus parceiros de comunicação, invisíveis, estivessem fora, no exospaço, para além dos limites de confinamento.

Eles não viam, de dentro, quem estava fora mas comunicavam-se com estes pelos meios precários que tinham. Tudo que tinham eram golpes, percussões ou silêncio e com esses dois bits de significação, compunham a linguagem que dizia tudo.

Os pesquisadores nos salões sentiam-se como que em contato com turmas de outros seres humanos, como que “de fora” do seu espaço comum, situados não se sabe em quê outro espaço exterior, circunvolvente do nosso aqui, donde mandavam para cá suas mensagens, probatórias de que eram homo sapiens sapiens que tinham peculiaridades pessoais, culturais e nacionais.

Se os ocupantes do submarino fossem, numa fantasia, pessoas nascidas ali e vida toda confinadas àquele espaço interior, eles não saberiam da existência de nenhum outro espaço externo ao seu e julgariam que todo o universo consistia no que estava intramuros da embarcação.

Seria portanto incompreensível, a princípio para eles, que de fora proviessem mensagens, comunicações, mas por contatarem a comunidade e equivalência de cultura e nível mental entre eles mesmos e os invisíveis comunicantes, (a turma de salvamento lá fora) saberiam que o que quer que fossem estes, todos eram iguais entre si, fora e dentro do espaço, todos seres humanos, dotados da mesma identidade fundamental: eram espíritos.

Foi isso, essa identidade, que pôs Rivail na pista certa, quando ao fato crucial de o espírito existir como um elemento independente e sobrevivente ao corpo.

Pessoas já mortas (ou tidas como tais) continuavam existindo de posse de suas faculdades, de sua cultura, de sua evolução como membros da espécie humana e vinham confabular com seus semelhantes e iguais, os outros seres humanos que ainda não tinham passado para a contravida como os primeiros. Uma revolução em antropologia.

A precisa identificação dos comunicantes como sendo aqueles próprios fulanos e fulanas que alegavam ter sido, foi possível primeiro por um padrão de verificações que constitui a origem (e a primazia rivailiana) da mais tarde desenvolvida teoria de informação.

Sem nenhum formalismo, sem ter em mãos espécimes de caligrafia, de assinatura, sem textos para neles reparar o estilo e os maneirismos literários, só pela informação bruta, interna, que as mensagens cifradas acústicas e cinéticas continham, pôde-se apurar que eram mesmo tais e tais fulanos que estavam-se pronunciando post-mortem.

Mais tarde, com o avanço das comunicações, os fenômenos apuram-se, as mesas puderam literalmente escrever, pois ao pé delas a, um de seus pés (o das mesas menores e mais leves, obviamente), pôde-se amarrar um lápis e então elas foram manejadas de forma a produzirem escrita legível, no começo meros grafismos de garranchos, mas depois já escrita cursiva, legível e caprichada, até evoluírem para a caligrafia fina elaborada, compacta, personalizada.

Esse método foi substituído pelas pranchetas, as cestinhas de bico, afuniladas (*corbeilles tupia*) com as quais a escrita ficou ainda mais caprichada, até atingir a personalização total e surgirem as produções caligráficas, as assinaturas, com elementos de grafotécnica, que permitiam comparação com espécimes dos alegados comunicantes ainda em vida.

Hoje que temos o telex e os fax, os telefones e outros, fica meio estranho pensar em termos de pranchetas e cestinhas de bico (*corbeilles tupia*), ou mesinhas pé-de-galo (com três pés) escrevendo em folhas de papel, mas é bom ter presente o referencial do telégrafo elétrico e do código morse, pois tudo é mídia, todos são meios físicos, materiais de veiculação do espírito, dos produtos culturais em padrões de signos.

O interessante é nos fixarmos no quase nenhum formalismo que esse espírito tinha no princípio, para expressar-se, ninguém podia pensar em nada se não no fato bruto visível, via-se apenas o móvel ou objeto movendo-se e escrevendo, sem nenhuma pista de quem o movia.

E mais uma vez, insista-se: se não se podia licitamente atribuir ao próprio aparato físico, os instrumentos ou objetos materiais, a autoria última das mensagens, o autor só podia ser um agente humano, pois sua fala eram coisas do espírito, compreensíveis por outro espírito, a mente do observador que presenciava o ato.

Só depois que essa fase passou, de obtenção de apenas um fluxo de informações vertidas através de sinais, sem nenhuma verbalização, na forma escrita, bem mais tarde, é que veio a segunda etapa dos fenômenos; começaram as chamadas materializações, as aparições tangíveis, parciais ou totais, dos agentes antes invisíveis e impalpáveis, bem como suas comunicações orais e vocais, em que entrava o elemento fala, o discurso falado, a oralização ou vocalização.

Quando os espíritos desencarnados se revelaram com sua figura, sua imagem, esta reproduzia os traços fisionômicos e anatômicos, daquelas pessoas que eles já vinham alegando terem sido como uma decisiva terceira prova de identificação, cumulativa das duas primeiras, que eram as informações, as indicações embutidas nas mensagens, depois a caligrafia e as assinaturas.

Vou ser mais incisivo e didático nisso: primeiro houve a questão das respostas a perguntas, com pormenores que identificavam quem respondia como sendo fulano ou fulana; em seguida, foram as produções caligráficas, com letra e assinaturas aceitáveis. Terceiro, foi a aparição visível e mesmo tangível, com o semblante, a figura, complementadas com a voz, e o elemento vocal e oral, tornando impossível negar mais que o espírito existia e era independente do corpo para existir, sobrevivia a este, que para si não passava de um mero invólucro descartável.

Aqui entra uma outra ordem de considerações. Até ali, enquanto as mentes puras, isto é, os puros espíritos (puros só no sentido de não estarem associados a corpos, de estarem descorporalizados) estavam-se manifestando, tudo se passava no puro plano intelectual também, sem nenhuma materialidade.

A mesa batia ou escrevia, os sons se produziam, as perguntas e respostas aconteciam, mas tudo ficava no rolar de informações, os bits ou unidades de informação produzindo a comunicação. Não havia nada de

voz, cara, forma, só ideias e emoções fluindo por trás da corrente de informações embutidas nos fenômeno, procedentes do espírito puramente.

Quando as mesas começaram a escrever, foi acrescentado um dado complicador: a letra, a assinatura, que exigia o gesto gráfico, o gesto de escrever, um ato mecânico corporal, mas mesmo assim tudo continuava rolando ainda no plano das coisas informais, sem dependência propriamente do elemento forma ou corpo do agente para se produzir.

A coisa ficou preta quando entraram os dois super-complicadores da pneumatofonia (que é a produção de voz direta, a fala, pelos espíritos desencarnados, sem suporte fisiológico visível) e das aparições, pois aí a exigência de corporalidade, a qualquer nível, crescia, deslocando os fenômenos do plano de puro espírito e trazendo-o para mais perto do mundo das formas e massas corporais.

É bom lembrar que, naquele tempo, só se conhecia a voz humana natural, o som vocal obtido através da fisiologia da fala, do uso do aparelho batizado de fonação, que toda pessoa traz ao nascer naturalmente embutido em si. Não se conhecia a produção de voz a partir de aparelhos não naturais, artificiais, como hoje são os de rádio, telefone, TV, o som vocal eletroeletrônico, não acústico, os sintetizadores.

O som vocal que se obtinha nas sessões espíritas era (e ainda é) muito distante do som vocal natural, o que sai da laringe, das cordas vocais e dos pulmões. Sempre pareceu metálico, não natural, incaracterístico, embora pudesse permitir sempre reconhecimentos firmes como sendo a voz de fulano ou fulana.

Como então não se imaginava sequer que um dia fosse possível existirem meios mecânicos e eletroeletrônicos de produção artificial de uma voz (sintetizadores, por exemplo) só se admitia que, ao soarem as vozes dos espíritos desencarnados, nos casos chamados por Rivail de “pneumatofonia”, o que havia era algo estranhíssimo, implausível, a obtenção de voz, de som vocal, que é um fato físico-fisiológico, mas tudo isso sem corpo, apenas com recursos do espírito puro.

Tudo piorou quando as materializações, isto é as aparições tangíveis ou mesmo não tangíveis, apenas diáfanas, se tornaram banais. Que uma mente ou espírito, puros (no sentido de “sem corpos”) pudessem se comunicar, pudessem existir fora dos corpos, num plano igualmente só espiritual, isso já era admissível, era plausível, por mais revolucionário que tivesse sido aceitá-lo.

Mas que eles revestissem de novo, temporariamente, a perda corporalidade e portanto a materialidade ou substancialidade, voltando a impressionar nossos sentidos, o visual, o auditivo e principalmente o tátil, permitindo contactá-los materialmente, de modo palpável, isso tornou-se espantoso.

Era literalmente uma contradição, um paradoxo ou coisa pior, quando o espírito, a mente, a própria negação da matéria, de repente retomavam a forma e a massa e pareciam materiais outra vez.

Rivail não costumava usar, propriamente, a palavra materialização, para descrever essa retomada da antiga corporalidade, exatamente para evitar a contaminação semântica entre a noção pura de espírito e essa incompreensível reincidência na matéria.

Usava, antes, dizer “aparições tangíveis” ou “não tangíveis”, é bom insistir nesse lembrete, justamente contornando o impasse linguístico, mas mesmo assim foi alvo de críticas de pseudofilósofos, isto é, de jornalistas que lhe cobravam o que eles mesmos chamavam de “materialização do espírito”, ou seja, de roubar ao espírito sua espiritualidade, essa condição nele essencial, repondo-o, de novo, na condição de caudatário, de dependente da matéria, o que fazia com que esses críticos apressados chamassem Rivail de “materialista”, de “materializar o espírito” desespiritualizando a alma.

Rebatendo essas críticas, Rivail produziu, uma das raras vezes em que se fez isso no seu tempo, a perfeita distinção entre o campo factual, dos fatos em si,

puramente, sem mais nada, e a representação dos fatos por palavras, já o campo linguístico, onde imperam as condições semânticas com as dificuldades de se dizer, se descrever com palavras e estas muitas vezes de sentido ambíguo, os fatos.

Na própria obra inaugural da ciência espírita, *O Livro dos Espíritos* (isto é, a obra que discorria sobre as mentes livres descorporalizadas), já aparecia uma defesa prévia dessas futuras acusações: perguntava Rivail no livro se se podia dizer que os espíritos livres justamente por serem isso, só espíritos, sem matéria alguma em si, podiam ser chamados de imateriais. A pergunta foi endereçada a algumas dessas mentes já desencarnadas, (op. cit. questão n.º 82).

Em resposta, ponderaram-lhe que imaterial queria dizer “o nada”, o não ser, o inexistente e que o espírito era alguma coisa, existia, portanto não se podia dizer dele que era imaterial, isso seria inexato.

Em lugar disso propuseram que se dissesse que eram “incorpóreos”, desprovidos de qualquer corporalidade material, resguardando assim a ideia de que, por serem consistentes, constituídos de alguma coisa que não a matéria (esta hoje chamada de massa-energia em física), tinham direito a não serem chamados de imateriais, para não confundir com as coisas inexistentes apenas imaginárias.

Mas esse aí é o campo da representação dos fatos, pelas palavras, um domínio puramente cultural, diferente do outro campo, o factual, o dos próprios fatos naturais em si.

Se no campo semântico, lexicográfico, tinha-se de ter aqueles cuidados de observar tão finas distinções, já no campo factual, não.

E o fato bruto era que as mentes são feitas de um quê qualquer, chamado vulgarmente de “espírito”(essa é uma segunda acepção da palavra, é a “substância” dos espíritos, além da que vínhamos manejando até aqui) que pode licitamente ser pensado como sendo a substância da mente ou psique, assim como a massa-energia (ou seja, a matéria) é a substância do corpo fisiológico.

Outra vez esbarramos com o campo das palavras: dentro da cultura geral humana, tem-se essa noção fundamental, de que tudo que existe, mas tudo mesmo, todo o existente no universo, reparte-se entre dois tipos de coisas, o espaço-tempo e a massa-energia, essa é uma nomenclatura moderna, atual, posterior portanto à do tempo de Rivail. Só existem esses dois elementos

universais, clamam as ciências e nenhum outro mais. Norberto Wiener, porém, como o “pai da cibernética”, propôs também um tertius: “a informação”, que seria um terceiro elemento universal.

Só para constar, no tempo de Rivail dizia-se que eram só o espaço, o tempo (separados) e a matéria, bem como as forças, ou “a força”, não sendo muito utilizada então a palavra energia. Havia os fluidos também, algo intermediário entre a matéria e a energia, uma substância indefinida embora muito invocada. A palavra energia como nome de um novo conceito de força, só foi incorporada ao vocabulário de ciência bem mais tarde.

A eletricidade, o magnetismo, a luz o princípio vital, a gravitação, o calórico (o princípio do calor) e o logístico (o do fogo) eram chamados de “fluidos”, então, mas hoje são apenas modalidades de energia, portanto são parte do continuum massa-energia.

Voltando ao universo conceitual do tempo de Rivail, essa constituição universal de então, reduziu-se ao que hoje, em linguagem contemporânea são chamados de espaço-tempo e massa-energia.

O espírito sempre foi inegável, impossível de ser negado pois que se impunha como um dado muito ostensivo que se afirmava por si mesmo, mas mesmo assim era pensado como um elemento material e biológico, como uma das propriedades fisiológicas, uma propriedade cerebral e neural, glandular, unicamente, uma mera manifestação funcional do organismo. Não era um elemento independente.

O espiritismo é uma ciência, é bom ter sempre bem presente isso, que sua natureza e caráter são os de uma ciência e portanto tem-se de aprender as coisas que o integram ou lhe dizem respeito, de modo bem claro e ordenado, tal como se aprendem regras e noções de quaisquer ciências.

Porque os espíritos desencarnados se apresentavam com uma forma e um semblante, uma fisionomia, uma autonomia, que representavam os que tiveram corporalmente, então uma conclusão se impôs: as mentes desencarnadas não são puras abstrações, espíritos não são meros conceitos puramente ideais,

eles tem alguma objetividade, alguma corporalidade, embora diferente de tudo que seja massa-energia.

Para contornar o ponto e acomodar as duas realidades numa fórmula única (de um lado o fato nº 1, do espírito puro; e nº 2, o fato de que pós - morte, ele continuará tendo uma figura e uma forma tangível) Rivail teve de produzir um conceito crucial, o perispírito, reconhecendo que cada mente ou espírito tem, sempre como um envoltório seu, um certo quê, uma determinada coisa, um algo indefinível em termos comuns, que no seu estado fundamental escapa totalmente ao sensorio dos encarnados, mas que em certas condições e à vontade do espírito desencarnado, pode tornar-se visível, até mesmo tangível e reproduzir, com extrema exatidão, muitas das propriedades fisiológicas puramente corporais, do já perdido corpo físico.

Isso era pura constatação de fatos, pois pessoas superdotadas sensorialmente, os médiuns videntes, viam os espíritos livres com a forma que tiveram quando encarnados e estes vinham mostrar-se em variados graus de objetividade, chegando até (a mal) chamada “materialização”, palavra que não significa crassamente que espíritos deixem de ser espíritos, mas sim que revestem temporariamente a antiga materialidade corporal que tiveram, numa espécie assim de “reencarnação” sem nascimento, sem passarem pela “fecundação - concepção - parto”, coisa temporária.

Na língua francesa, essa gama de fenômenos não ficou muito bem definida ou descrita, mas no inglês chegou-se a produzir expressões muito boas, como essa: “parto astral”, que é uma quase satisfatória descrição do que acontecia nas sessões de materialização, pois via-se sair do corpo dos médiuns a substância (chamada ectoplasma) que ia formar o pseudo-corpo dos espíritos materializados, os quasorgs (de “quase-organismos”) deles surgindo uma espécie de “cordão umbilical” muitas vezes perfeitamente visível, ligando a forma materializadora a sua fonte, o médium.

Os ingleses nunca aceitaram propriamente a ideia da reencarnação, palavra que Rivail produziu para descrever o processo da alternatividade de existência do espírito nos dois estados, o de encarnado e o de desencarnado. Ou, então, noutras palavras, a alternância de cada espírito entre a vida e a contravida; uma

noção ao mesmo tempo científica e filosófica apurada por Rivail.

Mas usaram uma palavra equivalente no inglês (rebirth, renascimento) para descrever o fato de o espírito livre reingressar no ambiente propriamente físico (a biosfera) para atuar sobre um médium nos casos de psicofonia (quando usa a voz do médium) ou psicografia (escrever usando o braço e a mão do médium) ou então para rematerializar-se momentaneamente.

Tudo isso são puras questões linguísticas, até idiomáticas, perfeitamente periféricas ou marginais à coisa científica central, que é o fato do espírito existir independente do corpo, de sobreviver à extinção deste e frequentar as duas condições ou estados, a vida e a contravida, também reencarnando.

Em ciência temos de sempre separar bem o que é a noção do fato em si, do que são as palavras, com expressões, a terminologia e a fraseologia o discurso enfim, com que se procura exprimir aquela noção e que são inevitavelmente variáveis, diferentes, de uma para outra das culturas nacionais.

No caso, a noção em si é o fato bruto de que o espírito não pode ser confundido com seu corpo; que é independente deste e prova-se isso mostrando que após a desagregação corporal, a mente que o animava em vida continua existindo perfeitamente agregada e funcional, atuante, ainda por cima associada a um perispírito. Tal é aquele conceito acessório que Rivail, por necessidade lógica teve de admitir e produzir para explicar o porque, de os espíritos livres, descorporalizados, terem uma figura, uma forma, bem como tornarem-se visíveis, tangíveis e até essa assombrosa última coisa, que desnor-teou muita gente boa: suas aparições tangíveis constituírem pseudo-organismos, quase-corpos ou (num neologismo) quasorgs, isto é, serem agregados temporais de massa-energia (o ectoplasma cedido por outrem) que reproduzem o todo ou parte do que era o antigo corpo carnal do indivíduo revenant (ou retornante).

O espírito materializado Kate King foi um dentre as dezenas dos que puderam ser muito bem estudados por cientistas durante o fato da materialização. Não se tratava de um corpo, um organismo, do tipo “carne e

osso”, absolutamente não era, não passava de um fac-símile, uma espécie de reconstituição ou simulacro parcialmente funcional, por isso o chamei de quasorg ou quase-corpo, de duração brevíssima, feito apenas para permitir que o espírito pudesse resgatar por tão breve lapso de tempo, a antiga corporalidade ou pelo menos reproduzi-la para fins de identificação.

O quasorg chegou a ser chamado de “alucinação telepática”, “alucinação objetiva”, de “fantasma telepático” pois a linguagem comum tanto como a científica não tinham como acomodar aquele fato totalmente novo, de um espírito livre de novo revestir a antiga corporalidade e exprimir isso corretamente, em boa linguagem.

Até hoje não se conseguiu produzir um nome, uma palavra adequada para descrever e definir o que é o fato da materialização, por isso ousei propor o termo quasorg, inspirado no que já se usou (com êxito) no caso do quasar (sigla de “quase rádio emissão”), dando perfeita ideia de que trata-se de uma produção não biológica (pois não acontece por um processo genérico de reprodução) de um agregado de massa-energia quase orgânica, que não foi obtido pela forma usual (esta de dois indivíduos, um casal, no coito, cada um cedendo uma célula sexual, os gametas) e sim por outro modo, a ectoplasma, quando o médium e outros doadores cedem a substância biológica tirada de seus próprios corpos, aos quais por sinal ela mais tarde retorna, pois não se perde.

Não é um corpo biológico real, o corpo fantasmático é um quase corpo, portanto é um quasorg, do mesmo modo que o quasar não é uma estação rádio-emissora plantada no espaço sideral, é apenas algo que funciona como se fosse isso ou quase isso; quasorgs podem ser amavelmente entendidos como “clones ectoplásmicos”

Fica perfeitamente sabido que o espírito livre apenas usa e incorpora a si a massa-energia do ectoplasma, cedido por vários doadores, o principal deles é o chamado médium de materialização, mas sabe-se que este não é o único doador, há outros, as demais pessoas e mesmo organismos vegetais e animais, presentes.

Na época de Rivail isso era uma perfeita perplexidade pois não se manejavam conceitos como “energia” nem “campo”, muito menos havia-se sequer imaginado o que mais tarde se constatou, a comunidade fundamental proposta por Planck entre a base da massa-energia, que são as partículas de emissão de energia (os quanta) e a base da matéria biológica, que são as células e o seu endoplasma, a nível bioquímico e biofísico.

Hoje Rivail com certeza diria essa muito melhor, por exemplo: que o perispírito é um campo, uma porção de espaço adjacente ao espírito ou mente, em o qual se manifesta sua função típica de organização e direcionamento da massa-energia (mentoplastia).

O espírito atua sobre esse alcance circunvolvente de si, esse espaço em torno dele e estabelece aí nessa região o que se chama de “campo perispiritual”, uma área que contém padrões virtuais direcionados de energia, partidos dele, desse espírito.

Toda massa-energia capturada nesse campo sofre sua ação organizadora e plasticizante, pois o espírito é uma fonte natural de ideoplastia ou mentoplastia, são palavras muito pobres para descrever ou definir essas funções do espírito.

Quando reingressado na biosfera, no ambiente geofísico, sem ser para fins de reencarnação, o espírito entra em contato com as porções adequadas de massa-energia (ectoplasma) postas a sua disposição para o fim específico de materialização, então o seu campo perispiritico atua sobre esse material, reconstituindo por uma duração muito limitada, no todo ou em parte o antigo corpo que teve e suas funções, a partir de uma espécie assim de “memória”, um certo “banco de memória” embutido em seu elenco de funções.

Vou tentar descrever o fato com uma linguagem de alto risco, arriscando-me a não ser perfeitamente interpretado (e até censurado por isso), mas, por outro lado, expondo-me, quem sabe? A obter de outros uma razoável compreensão; diria que o que se passa nesse momento, da materialização, seria algo vagamente parecido com um certo fenômeno chamado de “soma-tização” em medicina, que é, entre outras coisas quando alguém, apenas ouvindo, só ouvindo, contam a ele um certo fato traumatizante, entra numa cri-

se de reprodução em si mesmo daquelas coisas que lhe estão contando.

Por exemplo, se está almoçando e de repente alguém começa a narrar ocorrências repulsivas, nojentas que provocam habitualmente sensações eméticas de asco (vômitos, náuseas); então o indivíduo, apenas por força de somatização, só por ouvir contar (ele de fato não está sendo atingido por nenhum estímulo sensorial real, como tato, cheiro, visão só por palavras, só ouve uma mera história) ele entra em uma crise de nojo, de náuseas e vômitos, tal como se realmente tivesse presenciado a coisa repulsiva, repugnante, em si.

Ou então a pessoa muito sensível a cócegas (e há casos até patológicos, de hipersensibilidade) que na janela, de um quinto ou sexto andar de um prédio, vê lá em baixo na calçada, dezenas de metros abaixo, sem nenhum contato físico direto possível, alguém ameaçá-la com o conhecido gesto de fazer cócegas, algo que ela tanto teme, de que recua e foge descontroladamente, num reflexo inevitável só de ver, embora em perfeita segurança, pela distância lá em cima, onde ela está. Também é uma somatização.

Incluem-se os casos das caretas, as máscaras fisionômicas de repugnância, compondo ritos faciais de reação ao que seria cabível acontecer, mas só no caso de estarem efetivamente degustando substâncias, pelos sabores e ação química (por exemplo: os ácidos e os adstringentes), tudo isso quando não há nada em sua boca, nada entrou em contato com seus lábios, língua e nariz, apenas estão ouvindo contar uma história. Também é somatização, uma espécie de reflexo condicionado.

Finalmente (e isso já é um caso pessoal meu) essa terrível sensação de desconforto físico que invade quem ouve falar de um acidente, de um desastre com lesão corpórea, que atingiu outrem e então muito vivamente sente-se em corpo algo parecido com aquilo que se está ouvindo, uma reação quase física que corresponde ao conteúdo da narrativa. Para ilustrar: se alguém me fala que viu fulano pisar em cheio em um caco de vidro e este entrou cortando as carnes até o osso, eu me encolho abalado e sinto algo indescritível no meu pé, na perna uma espécie de “friagem” o que corresponderiam, no meu imaginário, à sensação real

responderiam, no meu imaginário, à sensação real da vítima, caso eu estivesse no lugar dela.

Somatização é ainda o caso das estigmatizações que pessoas hipersensíveis fabricam, por um mecanismo totalmente psicológico, para si mesmas, as chamadas “melancolias”, aquelas marcas vermelhas que aparecem no corpo em seguida a fortes dissabores, mágoas profundas, acontecimentos muito estressantes. É a urticária, a febre, a disenteria, os surtos de herpes (só para citar um exemplo), tudo o que se desencadeia por efeito de uma depressão, um trauma, um incidente estressante muito forte que afeta o paciente (não fisicamente).

Somatizar é, literalmente, corporalizar, fazer no próprio corpo, por mera força mental ou repercussão psicológica, algo que de fato não foi de ordem corporal mas que nossa mente, nesse processo, inflige a ele.

Essa capacidade que a mente ou espírito tem, enquanto encarnado, de infligir ao corpo tais efeitos, talvez (note bem: eu disse “talvez”) seja a própria faculdade que o mesmo espírito aciona para impor à porção de massa-energia ectoplasmática, quando ela entra no seu campo perispiritual, tais e tais especificações que são o elenco de padrões virtuais desse campo. A mente aí, somatiza, também, talvez.

Eu só “sinto”, numa quase-sensação (pois não é uma sensação real, já que nada está de fato cortando meu pé), aquela coisa realmente muito desagradável, cortante, do caco me furando até o osso, porque eu imagino, uso do imaginário e organizo uma certa quantidade de estereótipos mentais do que seria isso, eu sentir um pedaço de vidro cortante, perfurante, rasgando minhas carnes. Quer dizer, eu tenho memória disso, já cortei o pé muitas vezes e faço ideia de como é, como são esses padrões virtuais, que entram em ação, subliminarmente, eu não preciso pensar, refletir para isso, é uma ação subliminal, um “alerta vermelho” reflexo em minha mente.

Talvez seja um caso assim de somatização, isso a nível puramente de comparação, o que a mente ou espírito faz, quanto à materialização, quando ele se dispõe a reproduzir o antigo corpo carnal, de um modo apenas relativo, parcial, ao entrar em contato com a porção ectoplasmática a sua disposição.

A mente atua incessantemente em seu redor e esse “redor de si” é uma região do espaço chamada de “perispírito” por Rivail, é aquilo que Maxwell criou e usou esse conceito de campo (dez anos depois de *O Livro dos Espíritos*) nunca mais abandonado depois disso.

Pois a mente é o centro desse campo, que só existe ali, naquele espaço em seu derredor, por causa dela, do mesmo modo que em torno de um fio condutor há também uma região de espaço coberta de força atuante, a indução, compondo um campo eletromagnético, que só existe naquele ponto porque é causado pelo fio condutor e pela força elétrica que nele circula.

O perispírito é assim o campo mental, a construção da palavra peri (“em torno de”) sugere a ideia intuitiva de campo, uma extensão ou porção espacial circundante do espírito, onde este atua, exerce seus poderes, particularmente esse, o de plasticidade ou mentoplastia que, enquanto encarnado, funciona como uma fonte de constante sustentação do complexo celular, do organismo biológico (o corpo) e depois, na contravida, só vai fazer o mesmo quando o espírito, reingressando na biosfera, se dispõe a atuar de modo parecido sobre o ectoplasma, nas sessões de materialização.

Depois de Rivail a ideia do perispírito como um campo mental, vingou e prosperou, substituindo a outra ideia anterior, de existir um certo “fluido vital”, que estivesse disseminado no corpo vivo, operando a sua continuidade e manutenção.

Dizia-se isso porque a física e por extensão a medicina (fisiologia) estavam na fase mecanicista, então eram fluidistas e achavam que entre a matéria e a força (hoje se diz a “energia”) havia os fluidos, formas intermediárias que não afetavam os sentidos mas cujos efeitos eram reconhecidos.

Por mais fastidioso e desinteressante que o assunto possa, a esta altura, parecer, por favor insista neste estudo, acompanhe-o até o fim, caro leitor, a seu benefício, do contrário não se superará nunca a impressão, de todo falsa, de que o espiritismo é uma mera crença religiosa ou gênero de opinião. Ele é uma ciência e precisa ser entendido como tal ou não se compreenderá tudo a seu respeito.

A ideia de que havia fluidos era fundamental na ciência contemporânea de Rivail, prevaleceu até quase este século agora, até ser desbancada pela ideia muito mais justa, do “campo”, inovada por Maxwell.

Vendo o cadáver como algo tão diferente do corpo vivo, entendia-se corretamente que havia uma distinção a fazer entre os dois a de que, no ser vivo existia algo, um certo quê, um *quid*² qualquer fatalmente ausente no cadáver o que em nossos termos de lógica é, repito, correto, acertado. Pois falta mesmo.

Mas o que era? Bem, aí a ciência antiga desacer-tava e imaginava que fosse uma coisa que chamava de “fluido vital”, algo invisível, inodoro, inapalpável, intocável, que não afetava nossos sentidos mas que mesmo assim existia, não podia ser negado pois estava no ser vivo e não estava mais no cadáver. Era o “fluido vital” ou “princípio vital” uma ideia foi herdada da botânica, vinha do século dezoito, ou de antes, constitui a base da escola filosófica chamada de “vitalismo”.

Na física, era observação do calor, como outro *quid*, um quê presente no corpo quente e já faltante no corpo frio. Como não era visto, cheirando, gustado nem ouvido, apalpado etc. então era um fluido, que estava impregnado nos corpos quentes e que já tinha abandonado os frios.

De fluido em fluido, achava-se que a eletricidade, o magnetismo, a gravitação universal, eram fluidos também, e não admira que Rivail falasse tanto em “fluidos”, “fluídico”, numa insistência de linguagem que hoje causa alguma dificuldade de conciliar como ele, tão sábio e superior a sua época, podia acomodar-se com aquela noção que durou relativamente muito pouco e imediatamente foi desacreditada.

Perdoe-me a digressão que vai ser longa mas Rivail ao contatar os fenômenos das mesas girantes e criar a ciência espírita, tinha já 49 a 51 anos (1804 a 1855/1857) e havia uns 35 já, que ele era estudioso do magnetismo, uma área de estudos, uma área de saber que datava do século dezoito e deitava raízes em séculos até bem anteriores, quiçá milênios.

Quem fala de magnetismo aí, não está falando pro-

² Palavra latina: principal dificuldade, cerne, o *quid* do problema.

priamente do fenômeno conexo com a eletricidade, que Maxwell unificou na teoria do eletromagnetismo, não. E outra coisa: os estudiosos e partidários do magnetismo estudado por Rivail dividiam-se entre magnetizadores e magnetistas, organizavam-se em duas áreas e duas corporações diferentes, conflitantes entre si.

O magnetismo nasceu da crença muito antiga da influência dos minerais e metais sobre a saúde humana, primeiro teve a ver com a magia, a alquimia e a astrologia também, como a própria medicina, física, química e a astronomia, um dia também tiveram.

Mas foi com Mesmer (Francisco António Mesmer), um físico vienense (que é um nome de médico de antigamente, dizia-se antigamente que era “físico” o doutor de medicina, sem que fosse de fato um físico, já no entendimento comum atual) que se consolidou a ideia de existir um fluido magnético humano, um fluido vital que podia ser cedido, doado, passado por um ser humano a outro, numa operação chamada de “passe”.

Mesmer chegou a construir uma máquina, por ele chamada de “Celha” uma cuba, como uma espécie de acumulador, imitando os estudos de Volta e Galvani com as pilhas elétricas, em que ele pensava se acumulasse o fluido magnético ou fluido mesmérico tal qual hoje lidamos com as baterias de autos.

O magnetismo tornou-se um território de crença e opinião místicas, muito mais do que propriamente um saber científico, mas na época de Rivail ainda era um espaço de estudos e metodologias acreditado, respeitável, com muitos sábios que se dedicavam a ele, fossem como magnetizadores ou magnetistas.

Foi Braid (Joseph Braid) um médico inglês quem desacreditou o magnetismo, mostrando que nada passava do magnetizador, para o paciente ou “sujet”, como se pretendia, com o “passe”, mas que a própria mente do hipnotizado é que entrava em ressonância com a mente do hipnotizador, rendia-se à sugestão desta, havia uma autossugestão (ou heterossugestão), facilitadas por certas vulnerabilidades do hipnotizado devido a sua arquitetura mental.

Por exemplo, o sono ou é natural, aquele fisiológico, fruto do cansaço, da acumulação das toxinas nas

células, ou então é provocado, induzido, pela exposição a ruídos, a luzes, a certos manejos que provocam relaxamento e disponibilidade, operações exploradas pelos hipnotizadores para alcançarem o objetivo da rendição sempre consentida do hipnotizado a sua influência. Mas nada disso tem a ver, dizia Braid, com nenhuma passagem de nada, de um para o outro, tudo se devia à arquitetura da mente humana e ao elenco de suas funções.

Por tudo isso morreu a ideia do tal fluido magnético, que proviria de pedras, minerais, metais, vegetais, substâncias, pessoas, animais se acumularia em tais e tais depósitos onde depois seriam retirados e escoados, como se fossem líquidos passados, “num passe”, para as pessoas que com eles entrassem em relação.

A princípio, linguisticamente, fluido é tudo aquilo que flui, desliza, escorre, é o que se diz dos gases, dos líquidos e de certos sólidos granulados, como por exemplo a areia, que nunca tomam uma forma só que, fosse própria deles, tomavam sim é a forma dos vasos que os contêm. A palavra foi aplicada a um conceito, uma ideia, por sinal errada, de que havia aquele um certo quê, aquele “algo mais”, no corpo vivo, no corpo quente, na pessoa dos magnetizadores, que fluía, escorria, passava, dessas fontes para outras coisas, um conceito errôneo, que já era para hoje ter-se desmoralizado totalmente.

Que o calor não é nenhum fluido, isso Benjamim Rumford demonstrou cabalmente, nada escorre de um corpo quente para outro frio, a coisa é outra, calor é uma forma de movimento molecular, portanto, uma manifestação de energia (outra palavra hoje suspeitíssima muito usada nos papos atuais, e sempre de modo bem questionável) sujeita a entropia.

Portanto o tal fluido vital, que existiria nos corpos vivos e esgotado nos cadáveres é outra balela, o que há é que o corpo vivo está mantido assim por se achar contido nos limites do campo perispiritual ou campo da mente que é o seu psicossoma e psicoesfera, há um espírito ou mente associado ao corpo e a massa-energia corporal deste está coberta pela ação (aqueles padrões virtuais inerentes ao perispírito) desse campo, uma ação de constante refeição, oxidação, redução, sustentação dos processos básicos vitais, chamada de neguentropia.

E bom entender que não se pode sair de um erro para cair noutro: não é que o perispírito seja a única fonte de conservação da vitalidade, não, pois há organismos vivos, por algum tempo, sem perispírito nenhum associado a eles, unicamente mantendo-se devido a propriedades da massa-energia mesmo, perfeitamente capaz de autossustentar-se sozinha, por neguentropia própria.

Todavia, no caso particular dos corpos vivos, dos organismos que estão contidos em campo chamado perispírito, este é que é a fonte principal daquela ação que por um erro de observação e outro de avaliação, chegou-se a chamar de “fluido vital”, de “princípio vital”, como se existisse mesmo tal coisa, uma terceira substância com existência a parte, dentro do ser humano, separada e diferente das outras que são o corpo e o espírito.

O que há é que o espírito, isto é, o indivíduo anímico, residente num corpo vivo, mantém neste um certo nível ou gama de funções vitais pela ação do seu perispírito, enquanto que outro nível ou gama restante de funções vitais também, é mantida pelas propriedades da massa-energia mesmo, como é um bom exemplo, talvez o fato de que, depois do óbito, cabelo e unhas crescem por algum tempo e até ações reflexas esboçam-se como no caso do rabo de répteis, de lagartixas, que movem-se mesmo depois de separados do corpo, ou aquelas contrações das patas de rãs que Galvani estudou.

Há no conjunto corporal a ação de outras forças (energias) além das emanadas do perispírito, como a cinética, a hidrodinâmica, a gravidade, o eletro - magnetismo e as forças celulares, bioquímicas a nível molecular e atômico, a entropia/neguentropia.

O indivíduo ou ser “espírito”, revestido de seu campo chamado perispírito, exerce sua ação sobre o equipamento corporal, até certo ponto, mas nunca se esqueça que esse conjunto carnal, justamente por já ser um agregado de massa-energia, puramente, já conteria um elenco adicional de forças inerentes a ele, que dirá sendo, como é, um agregado também biológico, então é que se acrescentam mais outros parâmetros funcionais típicos desse outro nível de organização, o biológico, tudo confluindo, concorrendo e competindo com a ação propriamente mentoperispiritual.

Isso se coloca muito bem naquilo que Haeckel³ chamou de ontogênese e filogênese, a primeira palavra é o desenvolvimento seriado do ser, do indivíduo, a segunda é o desenvolvimento seriado da espécie, do filo.

O embrião é um indivíduo de uma espécie, então ao desenvolver-se temos que ele percorre um série de posições que são tanto dele, como ser, como indivíduo, quanto da espécie: por isso Haeckel cunhou a sua célebre frase, de que “a ontogênese confirma a filogênese”, já que cada embrião humano parece que recapitula, ao desenvolver-se, a própria marcha histórica de todas as espécies vivas, a evolução da vida no planeta.

O par de células sexuais humanas, ao fundirem-se na concepção, fecundação, detonam um processo evolutivo que tanto é individual, ontológico, pois visa a produzir um ser particular; quanto é filogenético, pois obedece a uma programação geral das espécies, através de algo que Haeckel nem sonhou o código genético, a dupla hélice do ADN/ARN, só descobertos por Crick e Watson em 1953.

Isso aí parecem ser operações de um processo típico da própria massa-energia, pois há embriões humanos que se desenvolvem sem que houvesse nenhum espírito para habitá-los, por si mesmos progridem como objetos dessa ontofilogênese. Em geral dão em nada, são meros produtos teratológicos.

Quando há um espírito dirigindo o processo, garante-se que o embrião vá a termo, atinja a fase mamífera e hominal da embriogênese nascendo uma criança viva. O que não estaria garantido em caso contrário dos fetos inviáveis (os natimortos), pois faltariam, suponho, aqueles padrões virtuais típicos do campo mento-perispírito, assegurando esse resultado.

Tudo isso são meros exercícios de suposição e raciocínio só meus, logicando sobre os resultados da criação, por Rivail, do conceito de um perispírito, algo impossível de ser desenvolvido satisfatoriamente em seu tempo, por ele mesmo, mas que Gabriel Delanne já retomou e expandiu magistralmente em suas obras, uns sessenta e poucos anos depois, quando a ciência já fornecia mais base.

³ Ernst Haeckel (1834-1919), naturalista alemão, foi um dos grandes divulgadores do evolucionismo de Charles Darwin.

Rivail não conhecia talvez em 1855/1857 o conceito formal de campo, tal como foi depois empregado por Maxwell⁴, mas formulou corretamente por antecipação o que seria afinal esse futuro conceito maxwelliano, hoje se diria, melhor, com todo respeito a Rivail, que há o perispírito e também a psicofera, como desdobramentos de sua noção original.

É bom lembrar que a palavra “campo” sempre existiu em todas as línguas cultas, em heráldica campo é uma região do escudo ou brasão, bandeira ou o que for, tal como se diz isso em informática também, falando de campos do cartão magnético, da fita magnética, do disco magnético, além do significado original geral agrário de trato de terra, porção de solo, de território (Ager-agri e campus-us).

Quando se formulou o conceito maxwelliano, teve-se em mira a imagem anterior da chama da vela, o espaço em redor do pavio aceso, que se subdivide em três níveis de coloração, por causa da temperatura, tornando bem objetivo o conceito apenas ideal, apenas subjetivo que Maxwell havia fixado, de que toda carga elétrica gera um campo, o espaço em seu derredor submetido a ação dessa carga elétrica.

Ninguém resmungue por que Rivail falava de fluidos, nem fique preso a essa palavra só porque foi usada por ele, temos de marchar com a ciência e ter coragem intelectual de abrirmos, arejarmos, nossa linguagem, cada vez que a ciência mostrar a necessidade de inovações e renovação.

Hoje ninguém fala mais em fluidos no mesmo sentido em que até o fim do século dezenove, pois isso hoje seria errado. O que se diz hoje nesse sentido é com relação às substâncias e corpos materiais e minerais, formados de partículas deslizantes, que fluem uma sobre as outras e que não tem forma própria, tomam a do recipiente que os contém. Portanto a linguagem espírita, que usa de fluidos a todo momento, precisa dar uma reciclada e adaptar-se à física moderna, tal como Rivail lecionava. Precisa falar mais de campos.

⁴ James Clerk Maxwell (1831-1879), físico e matemático britânico, desenvolveu estudos sobre o electromagnetismo que serviriam de base para a relatividade restrita de Einstein e a mecânica quântica.

Além de ter esse relacionamento com a medicina, a biologia, a psicologia, o espiritismo é relacionado ainda estreitamente com a física, não só porque o conceito de campo é comum às duas ciências, como por outra razão que iremos desfiar.

Quando Rivail fixou que eram seres humanos, mentes, espíritos, que moviam as mesas e faziam os ruídos, ele não só estabeleceu a existência do espírito como coisa a parte, independente do corpo, como também que havia uma sobrevivência desse espírito, por continuar existindo na contravida.

Além dessas duas noções imediatas, outra mais houve, mediata, que também se colocou de modo fortíssimo. Se era assim, se espíritos existiam numa outra fase ou etapa além da vida, fora dos corpos e sem necessidade mais destes, então como era isso? Onde se passava essa contravida humana, descorporalizada? Qual espaço era o habitat dos espíritos livres? Que propriedades tinha esse espaço? Seria o mesmo espaço euclidiano?

A relação imediata entre o espiritismo e a física começa porque os fenômenos que deram origem à ciência espírita afetaram a segunda ciência em dois pontos, pois a física tem uma parte que trata dos sons, que é a acústica, e outra que trata dos movimentos, a cinemática, justamente o que os espíritos livres de corpos mais faziam para chamarem a atenção: ruídos, sons e deslocamento de objetos.

Já a relação mediata (diferente daquela primeira a imediata), consiste em se estudar como era o habitat desses espíritos livres, já que por definição não tinham corpos mais, haviam-se separados dos seus, já desagregados e extintos. Ora, espíritos são mentes de seres bem humanos, por suas manifestações, em tudo por tudo, enquadrados como seres antropológicos, homo sapiens sapiens. Apenas não tinham mais corpos, portanto não podiam ocupar nenhum lugar no espaço euclidiano. E se não ocupavam algum lugar neste, em que outro mais? Havia outro?

O chamado espaço euclidiano é o espaço comum, conhecido naturalmente de todos, objeto da física e da geometria, cuja mais evidente propriedade seja a sua mensurabilidade, a propriedade de ser medido e defini-

do ou descrito em termos de algumas especificações, chamadas de dimensões.

O espaço euclidiano é tridimensional, nele se localizam corpos, objetos, coisas, usando três referenciais, o comprimento, a largura e a altura ou espessura (a profundidade também). Em termos geográficos ou em medidas de maior porte, diz-se latitude, longitude e altitude, profundidade.

Outra propriedade fundamental do espaço euclidiano é que nele, dois corpos não podem ocupar ao mesmo tempo o mesmo lugar, isso é o princípio de exclusão, de que um corpo, localizado num certo ponto, exclui que outro possa simultaneamente estar ali também. Só dá ele.

Em contrapartida, qualquer coisa existente, que não seja mero produto da imaginação, sempre tem de estar em algum ponto do espaço, portanto tem de ocupar uma porção deste, com isso excluindo que outra coisa ocupe o mesmo lugar no mesmo momento. Se não acha espacialmente onde está qualquer coisa, então dá-se por inexistente essa coisa, esse é um procedimento humano universal. Como corolário, se uma coisa é reconhecida como existente, então ela tem de achar-se em algum lugar, de estar ocupando esse lugar exclusivamente.

Determinar este lugar, é plotar, fazer a plotagem de um corpo.

Essas regrinhas do espaço euclidiano forma violadas no caso dos espíritos, como agentes dos fenômenos estudados por Rivail. Que eles existiam, isso não se podia negar. Não há efeito sem causa pois, se o espírito existe, devia de algum modo e principalmente, em algum lugar, ocupar um certo espaço aí, só dele, particular seu.

Quando se pedia aos espíritos que informassem onde estavam, para efeito de sua localização, os resultados eram desanimadores: impossível detectá-los ali onde apontavam, não só eram invisíveis naquele ponto como ainda pior, eram impalpáveis, intangíveis e não possuíam nenhuma massa, que gerasse sua impenetrabilidade e portanto sua consistência definindo o lugar que ocupavam no espaço, vedando este a outros mais.

A verdade é que um experimento crucial foi levado a cabo por Rivail. (*Revista Espírita* de setembro de

1861, “O doutor Glas”) Quando um espírito se localizou pontualmente, apontando que estava sentado ao seu lado, numa cadeira, Rivail nela se sentou, perguntando em seguida: “e agora?” “Bem”, respondeu o informante, agora eu continuo sentado na mesma cadeira, como estava antes, não saí daqui. “E como alguém nos veria? – perguntou Rivail. Ora seríamos vistos como que interpenetrados, você nimbado por mim, envolvido por mim como por uma nuvem, uma forma vaporosa, ambos localizados nesta cadeira”.

Rivail não sentia nada estando ali e o espírito também não, parecem que fisicamente, eram indiferentes, ocupavam rigorosamente o mesmo lugar no espaço. E o princípio de excludência do espaço euclidiano? Bem, foi preservado talvez por que não eram de fato dois corpos, mas sim um corpo só, o de Rivail, este é que tinha massa, já o espírito não, este não tinha corpo, era só um campo, o perispírito, em derredor de uma mente, não ocupava espaço euclidiano, portanto os dois podiam estarem juntos, simultaneamente, na mesma localização tópica, porque só um tinha corpo e já o outro não.

As leis de física não são como as leis jurídicas, especialmente as brasileiras, que tornam-se elásticas para acomodarem interesses, no instituto nacional do “jeitinho”, não. Ou é, ou então não é, sem acomodações.

No caso, a lei de exclusão, não foi violada porque de um lado estava um corpo, o de Rivail, dotado de massa no sentido de concentração de massa-energia, portanto massa gravitacional e massa inercial; do outro lado estava um espírito, que não tem um corpo, é só um campo, uma região do espaço digamos assim, “quantizada”, ocupada por um elenco de padrões virtuais, e que não tem massa, nem inercial nem gravitacional, portanto não tem impenetrabilidade. Esta, só a massa do corpo de Rivail é que tinha, a do espírito era nula, por isso podiam ambos ocupar simultaneamente o mesmo ponto espacial, numa boa. Bem, essa é apenas uma hipótese, há outra, de que o princípio de exclusão existe, funciona, é inexorável mas... só diz respeito a um determinado espaço, não a todos os espaços possíveis de existirem num mesmo lugar geométrico, i.é, em uma certa localização em dimensões. Explico-me.

O que é um lugar, uma localização? É um ponto determinado do espaço euclidiano, selecionado entre

todos os outros possíveis de existirem no espaço tempo geral, lembrem-se de que o espaço euclidiano é plano e infinito e sempre igual em todas as direções, esta é outra propriedade dele, chamada de “isotropia” ou “isotropismo”, isto é, “em toda parte de si”, pois é infinito, sem limites, ele é sempre o mesmo, é sempre igual.

Para determinar um ponto espacial qualquer dentre os demais, usa-se um processo chamado de “localização” ou plotagem, que é medir uma distância convencional daí desse ponto até três outros pontos anteriormente conhecidos, isso é plotar ou localizar, é achar e definir um lugar.

Isso se faz corriqueiramente, até ao entrar num teatro ou cinema, estádio que tenham plateias, lugares numerados: o bilhete ou entrada tem as duas referenciais, a fila e a cadeira, geralmente uma é alfabética e outra é numérica, então no alfanumérico A22 eu localizo minha cadeira, acho meu lugar, a duas dimensões: a fila é A e a cadeira é de nº22, na fila. Isso, é claro, na plateia.

Se houvesse plateia, galeria, balcões e camarotes, isto é, níveis superpostos, então aquele cruzamento de referências deixaria de ser apenas bidimensional, a duas dimensões, para tornar-se tridimensional, a três dimensões ou indicações: a fila A, cadeira 22 mas, e aqui entra a terceira dimensão, isso aí é no balcão nobre, que está acima da platéia e abaixo das galerias, por trás dos camarotes, não mais simplesmente na platéia, fica assim: “Balcão nobre, fila A, cadeira 22”.

O espaço euclidiano só admite três dimensões, ou seja, só vai até o limite de três dimensões: largura, comprimento, altura ou espessura (ou profundidade). Ou então latitude, longitude ou altitude (ou profundidade), isso é o máximo que a arquitetura de nossa mente permite, gerando os limites também de nossa cultura e civilização. Não se consegue perceber nada além da terceira dimensão, o que se chegou a chamar de uma “quarta dimensão” foi um artifício de Einstein, que deu esse nome ao tempo, uma outra variável adicional, que ele somou às três variáveis espaciais, as três dimensões euclidianas, perfazendo quatro.

Mas isso aí é um artifício, pois o tempo já não é mais o espaço, logo a única dimensão dele (o tempo só tem uma dimensão, não mais) não poderia a rigor so-

mar-se às três espaciais, por heterogêneas e, sabe-se, em matemática, que quantidades heterogêneas não são somáveis.

Todos temos hoje ainda como firme, certa, inabalável, a noção euclidiana, embora já tenha sido sucedida pela euclidiano-einsteiniana (ou simplesmente só einsteiniana) do espaço-tempo a quatro dimensões. A antiga noção euclidiana era também chamada de euclidiana-newtoniana e trabalhava com as mesmas quatro dimensões, só que separadamente: três eram só do espaço e havia o tempo com sua única dimensão também. Com Einstein já não se pensa mais assim, não se trabalha mais com só espaço ou só tempo separadamente e sim com o espaço-tempo e este é tetradimensional ou quadridimensional.(e Zöllner?).

O prof. Johann Karl Friedrich Zöllner, astrônomo, físico, pesquisador, alemão, nasceu em 1834 e morreu em 1882 (48 anos), após ter pesquisado muito, com a mediunidade do Dr. Eglington, formulou a teoria de que o espaço, a extensão, teria não apenas as três dimensões comuns, ditas “euclidianas” e sim uma dimensão extra, uma “quarta dimensão” a mais (daí a expressão que se popularizou) em a qual residiriam, estariam, habitualmente, os espíritos, da qual eles proviriam, procederiam, ao virem pra cá, para se introduzirem em nossa tridimensionalidade euclidiana.

De volta a sua “quarta dimensão”, eles se ausentariam daqui, de nossa tridimensionalidade, isso explicaria que espíritos entrassem e saíssem de recintos fechados, sem deixarem traços de sua passagem por limites, barreiras, paredes etc.

Mais tarde, Einstein apossou-se da expressão “quarta dimensão” (que na teoria de Zöllner era estritamente espacial, ela era do próprio espaço, este é que tinha-a, como um número a mais que na teoria euclidiana) e já conferiu-lhe um outro entendimento, dizendo Einstein que o espaço euclidiano e o tempo, juntos, é que perfaziam quatro dimensões (as três euclidianas e a única temporal), o que já deslocou totalmente a ideia original de Zöllner.

Ficaram então as duas versões de uma “quarta dimensão”, a de Zöllner, onde essa dimensão extra é do

próprio espaço e não a do tempo; e a de Einstein, onde ela já é a própria dimensão temporal somada as três espaciais euclidianas, formando o continuum espaço tempo de Einstein.

Sem dúvida que Zöllner vislumbrou a realidade: espíritos movem-se em uma dimensão extra além das três comuns (as euclidianas) e que constitui o seu “mundo”, o mundo dos desencarnados, contíguo e interpenetrado com este nosso “mundo corporal”, com o qual se relaciona estreitamente. Zöllner morreu injustiçado e alvo de injúrias e incompreensões, por sua corajosa teoria espírita de uma “quarta dimensão”, apenas aos 48 anos de idade.

O simples fato de Rivail e o espírito estarem sentados no mesmo lugar do espaço euclidiano a três dimensões resulta de uma medição anterior que se fez, embora esta não aparecesse explicitamente: medindo uma certa distância em metros, a partir de cada referência (ou dimensão), como são a parede A, e a parede B, (ambos formando um ângulo) e o teto, então obtém-se o ponto tópico, o lugar no espaço em que ambos estavam, uma plotagem tridimensional pois que as três indicações ou especificações.

Aquele ponto é o único, no espaço chamado “sala”, que goza daquelas especificações, de achar-se conjuntamente a tantos metros da parede A, a tantos da parede B e a tantos metros do teto, ou chão. Nenhum outro mais.

O espaço chamado de “sala” é um lugar geral formado pela conjugação de seis planos a saber: as quatro paredes, o chão e o teto. Portanto é uma caixa, o conjunto de seus planos forma um box, cujo conteúdo é o espaço chamado “sala”, um endoespaço, um espaço interior a essas delimitações, a esses seis planos delimitadores.

Esse endoespaço, contido no box ou caixa formada pelos seis planos, na verdade é um massa finita de pontos tópicos, a sala é um número ou quantidade qualquer, mas finita, de pontos, forma um agregado de pontos tópicos cada um deles, formados pelo cruzamento das três especificações ou dimensões: comprimento, largura e altura.

Cada ponto é como se fosse um endereço, pode-se conferir isso pensando numa porção de tijolos, um mi-lheiro deles, empilhados certinhos formando camadas horizontais, por sua vez compostas por fileiras verticais. E estas colunas, cada endereço nesse agregado desig-na um tijolo individualmente como um ponto particular, este para ser achado tem-se de cruzar os referenciais, a camada n^o tal dentro da fileira n^o tanto delas. Isso é plotagem, localização ou endereçamento.

Naturalmente, sem essa complicação toda, na prá-tica a coisa funciona assim: dentro da sala, o “endere-ço” ou lugar onde se achavam Rivail e o espírito, já es-tava determinado pela cadeira, esse endereço chama-va-se “cadeira”. Certo?

Então nesse endereço “cadeira”, normalmente, só um corpo e não mais do que ele, poderia achar-se, pelo princípio de exclusão.

Das duas uma, ou dois corpos podem ocupar si-multaneamente (isto é, “ao mesmo tempo”) o mesmo lugar, ou então não. Pareciam poder, é o que o fato bruto dizia, que podiam sim, tanto estavam ali o homem e o espírito, no mesmo lugar e ao mesmo tempo, sen-tados na mesma cadeira.

Ou então, numa outra alternativa, talvez o valor que damos às expressões “no mesmo tempo”, “no mesmo lugar” é que tenham de sofrer revisão e flexibilizarem-se para acomodarem o fato bruto da interpretação. Hoje, tempo e espaço converteram-se no continuum espaço-tempo, isso só para começar. Também hoje, o que se pensava que eram, separadamente, massa, material, força e energia, fundiram-se em outro continuum, tam-bém einsteniano, de massa-energia, os dois continua (plural de continuum) é que regem nossa cultura, agora.

Rivail era um espírito encarnado, portanto um ho-mem, era uma mente associada a um corpo e este ti-nha massa, extensão, portanto impenetrabilidade, ocu-pava um lugar no espaço euclidiano a três dimensões e com isso excluía que outro corpo igualmente pudesse ocupa-lo, ao mesmo tempo. Mas o espírito descorpora-lizado então podia coexistir naquele ponto.

A segunda hipótese é de que ambos, o homem e o espírito, acham-se em dois espaço-tempos diferentes

portanto o princípio de exclusão continua dividido também, mas só que agora os espaços é que são diferentes, dois homens não podem interpenetrar-se nem dois espíritos também não, em um mesmo espaço-tempo. Mas um homem e um espírito, cada qual em seu próprio espaço-tempo, podem e efetivamente se interpenetram. É uma possibilidade cruzada, transversal.

Mas que exige uma revolução muito maior nos nossos pensares para poder aceitá-la, aceitar o que essa possibilidade impõe, de que assim como não há um tempo só (Newton e Euclides pensavam que havia, Einstein demonstrou que não), também não há um espaço-tempo só, há mais de um ou pelo menos há versões ou edições diferentes, desse espaço-tempo aí, as quais são coexistentes convivem em cada ponto tópico dele, como uma espécie assim de “avesso e direito”, dois lados de um disco. Vamos aprofundar isso?

Chama-se topologia a essa matéria matemática nova que propõe isso, que cada ponto do espaço pode possuir como que “um avesso e um direito”, seja no mínimo dual, algo que daria um sentido novo à própria palavra “universo”, que justificaria então esse nome, de “universo”, uma unidade versátil, que ao mesmo tempo é uma coisa e também é a sua antecóisa, tem o seu “outro lado”.

Essa matéria, matemática, a topologia, é ainda uma das tais meio misteriosas, altamente impopular, por enquanto, no sentido de não ter-se espraído ainda pelo povo e não ter-se tornado vulgar, pública, comum a todos.

Parece ter começado a tomar corpo no século quinze ou dezesseis, quando o império euclidiano, da geometria euclidiana, vigia ainda inexorável, havia uns vinte a trinta séculos então, quase uma eternidade.

Passando por todos os matemáticos, filósofos e geômetras do pedaço, incorporou no século 19 com Bolyai, Lobachevski, Gauss e finalmente Riemann, que produziram as chamadas “geometrias não euclidianas”, parte de uma revolução no pensamento científico geral, com ênfase na geometria mesma, nas matemáticas e na física lógica e (principalmente com Boole, que tornou possível a informática aplicada e os computadores), mudando a cosmologia, a cosmovisão.

Rivail era um pedagogo, ativo, lúcido, vigilante, permanentemente atualizado e atuante, não passaria despercebida a ele essa revolução que, pelo que concerne às geometrias e à física, começou em 1820 e por volta de 1852 já tinha-se consolidado.

No novo pensamento não euclidiano, havia é espaços (no plural) e não só o espaço, “não apenas um só” e percorrê-los não era mais questão só de ficção e imaginação, era uma coisa virtual, possível e que a cada momento se concretizava.

Especificamente a topologia (literalmente uma “discussão do espaço”) coloca que pode haver uma outra face ou “lado de lá” do espaço assim como, em cada ponto da superfície da Terra sempre tem um outro ponto a 180° dele, que é o seu simétrico e onde pessoas estão ou podem estar em sentido contrário ao de quem esteja aqui, com os pés voltados uns para os outros e as cabeças apontando em direção oposta.

Mas isso aí é um conceito apenas geográfico, geológico, telúrico, de quem pensa um espaço curvo, tridimensional, esférico mas maciço, a própria Terra, portanto um pensamento limitativo e aplicativo apenas ao espaço terráqueo.

Se abrimos mais e pensarmos numa esfera oca, entenderemos que esta tem também um “lado de dentro”, contraposto ao “lado de fora”, a partir daí já teremos de aumentar o conceito de antípodas para outro mais abrangente.

Antípodas da Terra são dois lugares simétricos entre si mas ambos só “do lado de fora” na superfície externa da esfera do planeta, não? Mas já que agora não é mais o planeta, e sim uma esfera oca, então há o “lado de dentro” da superfície interior e agora temos um novo conceito de simétrico, uma nova simetria, a saber: qualquer o ponto da superfície externa tem o seu novo simétrico, o seu equivalente na superfície interna, que é um novo antípodas agora, diferente e mais imediato que o antigo, aquele outro a 180° na própria superfície externa. Percebeu a diferença, caro leitor?

Multiplicam-se conceitos de posição e contraposição, quando listamos: 1) os antípodas clássicos, 2) os antípodas novos, (um na superfície externa e outro na

interna) e mais um terceiro simétrico, quando consideramos o ponto oposto, a 180° convexos da curvatura interna, do que está diretamente sob nossos pés, tudo nessa mesma superfície interna.

Topologia inclui coisas chamadas de “simetrias de calibre”, quando pensamos de um modo muito condescendente, muito permissivo, assim: uma linha só parecerá uma linha mesmo se for olhada num certo sentido, o de sua lateral, mas se for olhada noutro sentido, no de seu comprimento, ela parecerá e se confundirá com um ponto.

Um ponto e uma linha, em nada se distinguirão um do outro se a segunda for “olhada” bem de “frente”, ficando sua extensão, que é o que a faz diferente do ponto, invisível dessa nova mirada. É como uma agulha, olhada no sentido da ponta ou do fundo, parecerá ser apenas um pontinho, perderá sua dimensão linear que ostenta.

A seu turno, um plano, nas mesmas condições, em nada se distinguirá de uma linha, quando “olhado” de um modo tal, só lateralmente que sua segunda dimensão, o comprimento, fique ocultado.

Finalmente um sólido, um cubo por exemplo, parecerá apenas um plano e não um conjunto de seis faces ou planos que ele é, se for olhado apenas de um modo particular, sem se dar a volta em seu redor, perdendo o seu volume.

Um cubo é um exemplo fácil, mas pensem num tetraedro, o poliedro de quatro faces, que visto de uma posição pareceria apenas um triângulo, enganando o observador. Uma esfera pareceria só um círculo e o pentaedro (a pirâmide) vista pela base iludiria ser um quadrado (cubo) não revelaria os quatro planos triangulares mais que também tem.

Em topologia coloca-se que uma fita de papel, dessa simples, uma tira apenas cortada de uma bobina de máquina de somar, parece ao olhar apenas um plano, quando estirada, mas que ao tato revela-se tridimensional, visto ter “o outro lado”, por ter espessura.

Se a encurvamos, formando com ela um aro ou anel, então esse modelo tridimensional se enriquecerá, passando a ter uma superfície ou face externa versus outra interna. Como as extremidades foram coladas,

então não se poderá passar “de fora” para “dentro” do aro, as duas faces ficarão compartimentadas, incomunicantes, pois “é proibido” cruzar as bordas laterais, virar lateralmente de fora para dentro.

Isso torna a fita uma realidade dupla, que só permite um deslocamento infinito pela superfície no sentido da longitude, pois sempre se poderá percorrer o aro externamente, sem encontrar interrupção da superfície; mas se invertermos o sentido e nos deslocarmos lateralmente, na direção das bordas, já a extensão não é infinita mais, torna-se finita, pois bordas são limites, delimitam a extensão.

Ainda assim estamos confinados ao lado de fora, à superfície externa sem podermos trilhar o lado de dentro, isso porque a fita é curvada de um modo tal, o modo contínuo, que não permite passar de fora para o lado interior e vice-versa. Pode-se supor que uma população de seres imaginários, habitantes desse “lado de fora”, vivesse só nesta face completamente ignorando a existência do outro lado, o interno, e mesmo que soubessem dele não imaginariam como iriam ter até lá, como passarem de uma face para a outra.

Mas tudo muda de figura se e quando, descolando as extremidades e dando uma torção numa delas, fazemos a fita tornar-se helicoidal só naquele ponto localizado dela e depois recolamos as pontas mas agora já com aquela torção, fazendo os dois lados ou faces delas se desencontrarem: o lado interno de uma ponta não coincide mais com o da outra ponta e sim com o seu lado externo e vice versa.

Agora temos que se pode passar de um lado para o outro lado, insensivelmente, sem parecer que se está fazendo isso, por causa daquela torção que foi introduzida, que imprimiu uma rotação de 180° no espaço a quem estivesse num certo ponto da fita. Para um observador externo à fita, um fulano que se achasse de pé naquele ponto dela, com a rotação, ele teria passado para o lado de dentro e estaria agora de cabeça para baixo em relação à posição anterior, como um antípoda.

Quem começa a percorrer a fita, longitudinalmente, irá passar, sem perceber, do antigo “lado de fora” para o também antigo “lado de dentro”, pois agora essa divisão caiu e as duas faces foram integradas numa única,

formando um continuum, uma continuidade indivisa onde não só acha mais o ponto de separação, de costura. Os dois lados são um somente; antes duas, as margens, laterais são apenas uma só margem, agora.

Ao mesmo tempo, um outro fulano, que se achasse nos antípodas do primeiro, cada qual no seu lado da fita (por ter havido aquela integração, não se segue que a cada ponto da fita não haja sempre dois lados, e não haja múltiplos espaços isso não mudou), irá se deslocar em perfeita contraposição a ele, ambos estarão com os pés voltados uns para os outros, tal como os japoneses ou chineses em relação aos ocidentais.

Passarão um pelo outro, cada uma na sua, no seu próprio lado definitivo de fita sem se notarem.

Topologia é muito mais do que isso: é uma ciência completa, mas sua ilustração para efeito de entendimento é isso aí, uma compreensão nova do espaço, ou do espaço-tempo, permitindo entender como é que pode haver “espaços”, uma composição espacial dual, binária, dicotomizada, (ou até mais plural) em cada ponto tópico. Quer dizer, em cada lugar em que se está, apurado este por aquela medição em relação a três outros pontos (como a cadeira em relação a duas paredes e ao teto), pode haver um espaço e, contraposto a ele, um outro espaço, há um espaço, há um contra - espaço, mais de um espaço, convivendo em cada posição espaço temporal. De tal modo que, e aqui voltamos a ciência espírita, é perfeitamente racional que um homem e um espírito possam estar ao mesmo tempo no mesmo lugar, tanto numa hipótese já vista (a de que só o homem tem um corpo, já o espírito não) como na segunda hipótese, também que ora acabamos de percorrer, de que cada um está no seu próprio espaço ou na “face” de espaço que lhe compete.

A posição no espaço-tempo é a mesma mas a versão ou edição de espaço de cada um, é diferente da outra, pois são duas localizações distintas, cada qual na sua.

A física mais recente adverte que, com as “simetrias de calibre”, o espaço-tempo pode muito bem ser entendido como tendo até dez dimensões, ser decadiimensional portanto, pois as três euclidianas podem muito bem serem multiplicadas por três e mais a única

temporal, perfazendo dez. É bom lembrar que essa multiplicação é por causa daquilo de que a linha que parece um ponto, o sólido que parece um plano, o plano que aparenta uma linha, vistos de um modo limitativo. Invertendo isso, supõe-se que o plano visível oculta mais cinco planos (caso do cubo), a linha visível oculta uma infinidade de outras linhas que formam um plano e o ponto visível esconde uma sucessão de outros pontos formativos de uma linha.

De modo parecido, a realidade tridimensional (ou tetra-quadridimensional do espaço-tempo) poderia ser pensada assim, como ocultando outras tantas dimensões até dez, um número que não é arbitrário mas pode ser elástico conforme novas compreensões cosmológicas se apresentarem.

O professor Rivail longe estava de todo esse desenvolvimento cultural e até mental, que só se acumulou neste século, a cento e tantos anos depois dele, mas mesmo assim já intuía (e há documentos disso), que de um modo simples espíritos encarnados e desencarnados, uns na fase de vida e outros na de contravida, acham-se localizados em regiões contraditórias, contrastantes entre si, anverso e verso do universo, como simétricos uns dos outros, como antípodas da hipervida.

E que mesmo assim podem comunicar-se, coabitarem os mesmos pontos tópicos disponíveis num espaço finito como o de uma sala, sem violarem a regra de exclusão, seja por uma razão que está embutida neles próprios, portanto é ontológica (o espírito encarnado tem um corpo e o desencarnado não tem), Seja por uma razão que não é mais ontológica o sim topológica, quando o espaço tempo é um universo e cada ponto tópico de qualquer espaço finito, como a sala, está como um anverso, correspondente a um verso-reverso topológico. Ou até pelas duas razões congradadas.

O professor Rivail não tinha a missão de explicitar isso mas delegou a seus discípulos e continuadores o trabalho de o fazerem, assim que a ciência fosse avançando e colocando mais recursos, novos materiais de trabalho a nossa disposição.

Coube a ele exclusivamente montar o modelo básico, a visão fundamental de que há o espírito, este é um dos três elementos do universo, do cosmos, ao lado

dos outros dois que são o espaço-tempo e a massa-energia (se não considerarmos a proposta de Wiener, inclusiva de informação).

Dos três elementos o espírito parece ser o único invulnerável, à entropia o, mais, o que exerce a neguentropia sobre os demais, é fonte de neguentropia, pois gera e leva informação a eles, é sede e fonte de organização e de ordem.

O espírito existe infinitamente, tanto quanto o espaço-tempo e a massa-energia, mas bem entendido, isso apenas no sentido de ser sem fim, de ter um existir ininterrupto, a diferença é que os outros dois elementos o espaço-tempo e a massa-energia não são individuáveis, isto é, suas formações individuais são precárias, não gozam de nenhuma infinitude, acontecem e depois desacontecem, pois sua infinitude é só global como elementos gerais e não como individualizações, como individualidades.

Se isso ficou incompreensível, vou melhorar: a massa-energia forma e depois reverte à não forma anterior, incessantemente, os corpos, os mundos, os objetos, os seres, as coisas, dentro do espaço-tempo. Quer dizer, forma-se um indivíduo, um ser, um corpo celeste, um objeto, mas isso só por um prazo de duração, depois a massa que o compunha, dissemina-se, desagrega-se e se dilui na massa-energia geral.

O mesmo é com o espaço-tempo, que sendo infinito não tem contornos, delimitações, podemos quando muito isolar idealmente uma pequena região dele, já demos o exemplo da sala, um micro-espaço formado por delimitadores puramente locais, as paredes, teto e o piso, formado um endoespaço teoricamente diferente do exoespaço circunvolvente. Mas não se pode isolar de fato o espaço-tempo, só idealmente, de brincadeirinha, pois sua estrutura opõe-se a isso, ele não é individuável.

O espírito é o elemento geral universal dotado de inteligência, vontade, consciência e fonte de neguentropia, sendo isento da entropia ele mesmo, isto é, como categoria, classe ou gênero, dentre os elementos, pois a nível prático, ele é individuável, goza de individualização já que se apresenta individualizado, personalizado, como fulano e fulana, beltrano, sicrano, as pessoas são espíritos, inconfundíveis umas com

as outras e isso é sem termo, é infinito no sentido de duração, pois os espíritos não são passíveis de um belo dia terminarem, se desagregarem e a massa (de espírito) que os forma se disseminar e voltar a diluir-se na massa geral de espírito outra vez perdendo a individualidade. Não é isso.

O espírito existe em duas (pelo mesmo duas, as já conhecidas) formas de viver, a vida e a contravida, conforme estejam encarnados, unidos a um corpo, ou não, estejam desencarnados, liberados de envolvimento direto com a massa-energia.

Encarnar é penetrar a biosfera, tomar um corpo aí, habitar o ecossistema telúrico, ser parte da biodiversidade, ser um membro da sociedade corpórea e achar-se assim, com especificações corporais e mentais de sexo, nacionalidade, cultura, nome, raça, religião, classe social, profissão, nível de renda, enfim, tudo que diz respeito à condição humana, pelo prazo de uma vida, que vai da concepção ao óbito, quando então se retira, se exclui de tudo isso e projeta-se na fase seguinte, de contravida, em que viverá no estado geral de erraticidade, isto é, desligado daquelas especificações mas certamente obedecendo a outras.

Isso permite entender que vida e contravida são apenas dois lados de uma fita topológica existencial, quando se está numa ou noutra das faces de um universo, um sistema binário espacio-temporal, duas regiões do espaço-tempo diversificadas, que coincidem ponto a ponto, de modo a parecerem uma coisa só, de tão congruentes que são.

Nascer é passar de uma versão ou edição desse universo para a outra e morrer é fazer o mesmo trânsito em direção e sentido oposto, são dois movimentos iguais e contrários, duas mãos de direção, dentro do modelo cosmológico.

O sobreviventismo é apenas a capacidade infinita que se tem de tanto existir numa que noutra das duas condições, bem como essa sobrevivência não é só individual, mas social, é da humanidade inteira.

Bem como a própria sociedade é muito mais do que só o conjunto dos seres humanos vivos e sim inclui também os seres humanos desencarnados, na contravida.

Eis o que é o espiritismo, a ciência filosófica que Rivail começou a criar, na medida do possível face às limitações gerais de sua época.

Pensado assim como uma ciência e filosofia, ele é o fermento das culturas, o motor das civilizações. Pensa-lo como tantos fazem, como aquilo que Rivail tanto combateu, como uma religião, além de ser um erro, uma deficiência intelectual, de quem pensa isso, constitui um entrave ao seu progresso como ciência, do mesmo modo que teria sido, caso Galileu, em lugar de ter fundado o método experimental em ciência e uma nova astronomia e física, tivesse fundado uma nova religião.

Bem compreendo que as pessoas não estão todas capacitadas para, assim de momento, pensarem o espiritismo na sua exata dimensão, apenas como ciência e filosofia e que, em virtude de limitações culturais e até intelectuais, só possam, durante algum tempo, terem dele uma visão puramente emocional, afetiva, que facilmente descamba para o plano religioso. Entendo isso, respeito isso também.

A condição original genuína do espiritismo é a de ser uma ciência, o que vive sendo repetido sobre ele, de que seria uma religião, não passa de um terrível equívoco de seus adeptos, por outro lado é um boato, explorando e fomentado por seus adversários, para o neutralizar.

Isso sempre aconteceu, um determinado fato é pensado pelo avesso por quem é ignorante, precipitado ou preguiçoso de espírito e só consegue entender as coisas pela metade, mas é turrão o bastante para obstinar-se na teima de que a coisa discutida só pode ser do jeito torto, errado, que esse pirracento aí pensa que é.

Isso generaliza-se, caí no domínio público, universaliza-se e se fixa como um patos coletivo (i.é um “pathos”, um sentimento ou sensação muito difusa na sociedade) sendo um custo para o podermos remover, repondo as coisas no devido lugar.

Muitas vezes, quase sempre até, o erro, a mentira, o equívoco, que ficaram, por aquele patos, institucionalizados, são charmosíssimos, de grande poder de sedução, caem tão bem na alma popular, que nela se estabelecem, deixam raízes, parecem imbatíveis ou irremovíveis. Quando alguém fala em mudar isso, abrir

movíveis. Quando alguém fala em mudar isso, abrir uma campanha de esclarecimento, é aquela grita geral, pois a noção errada, a fantasia, tornou-se “a mentira que deixou saudades”, da qual ninguém está querendo se afastar, pois sem aquele prestígio, aquele charme, é algo que “se não existisse então merecia ser inventado”. Não é assim que se diz?

É o próprio império da ilusão consentida e auto-acalentada, o “me engana que eu gosto”, o “me deixa ficar com meu gostinho mesmo ilusório, pois eu não suportaria uma decepção”.

Mas a vida tem um poder irresistível de promover a verdade, derrubar fantasias e mentiras, arrebenatar com a concha das ilusões e quando ela chega, sobra desencanto para todas as direções, na esteira do crescimento pessoal, à luz da vida.

Todos deixamos as velhas muletas e amparos em que nos especávamos, medrosos de ousar por nós mesmos, assim como crianças um dia abandonam o “biquinho” e a “dedeira”, o tatibitate tão adorável em que se expressam, o ursinho de pelúcia e bruxinha de pano, para crescerem, ficarem adultas e independentes.

Estou perfeitamente preparado e tranquilo, sinceramente, para compreender essa problemática das pessoas que afluem, vindas das religiões, para os primeiros contatos com o espiritismo.

Era inevitável mesmo que isso acontecesse, que a ciência e filosofia espírita chegasse a ser confundida com mitos e religião, até porque a religião vigente em cada país, embora soubesse muito bem da impropriedade disso, tudo fez para apresentar o espiritismo assim, falsamente como uma religião, para impedir que as pessoas o entendessem do modo legítimo.

Mas, de minha parte, respeitando embora, sinceramente, quem pensa de tal modo, entendo que não podemos, nós outros que já não pensamos mais assim, compactuar e calar, contribuir com o silêncio, a passividade, a omissão.

Temos de estabelecer um espaço nosso, criar um território livre para todos os que, tendo-se libertado do império da religião, já são capazes agora da liberdade de consciência laicas, cristão ali desfrutarem de sua

liberdade da religião, que não se confunde com a simples liberdade de religião.

Liberdade de religião é o direito de cada um escolher, ter e manter-se na religião que quiser, enquanto assim o quiser. Já a liberdade da religião é a conquista da independência quanto a isso, é não se necessitar mais de ter religião nenhuma, é o tornar-se livre mentalmente quanto a isso, é não se necessitar mais de ter religião alguma, é o tornar-se livre mentalmente quanto a essas angustias confessionais, tornar-se laico.

Endereçando este livro a quantos como eu já nos libertamos da tutela da religião, nós, os que já podemos pensar laicamente o espiritismo, sem angústias nem sentimentos de culpa por não sermos mais religiosos, sentimo-nos comprometidos com a formação de espaços destinados a expandir esse sentimento comum, para que neles se exercite e se aprimore a consciência espírita, livre a cultura espírita.

E que se reverencie o nome do professor Rivail, como descobridor da independência e sobrevivência do espírito, autor original da sublime equação: $h = vc$.

Edição Digital

PENSE – Pensamento Social Espírita

www.viasantos.com/pense

Março de 2010.